**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA
REPENSUL - PÓLO II - URG**

*A dinâmica do Centro Cirúrgico
numa perspectiva de relacionamentos
cotidianos*

**MARIA JOSÉ MARTINS CHAPLIN
RIO GRANDE
AGOSTO DE 1996**

*A dinâmica do Centro Cirúrgico numa perspectiva de
relacionamentos cotidianos.*

Maria José Martins Chaplin

*Dissertação apresentada à Banca Examinadora para obtenção
do título de Mestre em Assistência de Enfermagem.*

**Universidade Federal De Santa Catarina
REPENSUL- Pólo II- URG
Rio Grande, Agosto/1996**

Maria José Martins Chaplin

**A dinâmica do Centro Cirúrgico numa perspectiva de
relacionamentos cotidianos**

Orientadora: *Ana lúcia Magela de Perende*

**A DINÂMICA DO CENTRO CIRÚRGICO NUMA
PERSPECTIVA DE RELACIONAMENTOS
COTIDIANOS**

Maria José Martins Chaplin

Esta dissertação foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do título de

Mestre em Assistência de Enfermagem

e APROVADA em sua forma final em 15 de agosto de 1996, atendendo às normas da legislação vigente do Curso de Pós-Graduação em Enfermagem - Programa de Mestrado em Assistência de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dra. Lúcia Hisako Takase Gonçalves

Prof. Dra. Lúcia Hisako Takase Gonçalves
Coordenadora do Curso

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Ana Lúcia Magela de Rezende

Prof. Dra. Ana Lúcia Magela de Rezende - Presidente/ Orientadora

Prof. Dra. Marta Regina Cezar Vaz

Prof. Dra. Marta Regina Cezar Vaz - Membro

Prof. Dr. Miguel Angelo Martins de Castro

Prof. Dr. Miguel Angelo Martins de Castro - Membro

Prof. M.Sc. Alvaro Pereira

Prof. M.Sc. Alvaro Pereira - Membro

Prof. Dra. Alacoque Lorenzini Erdmann

Prof. Dra. Alacoque Lorenzini Erdmann - Suplente

À minha família:

Poder dormir, poder morar, poder sair, poder chegar, poder viver bem devagar e depois de partir poder voltar e dizer este aqui é o meu lugar.

(Toquinho/Vinícius)

Aos trabalhadores em Centro Cirúrgico:

Pomos nós quem fazemos a vida como der ou puder ou quiser, sempre desejada por mais que esteja errada.

(Gonzaguinha)

Este trabalho é dedicado

Aos apaixonados pela vida mais livre.

Aos que vivem a beleza da vida no Centro Cirúrgico.

Aos meus filhos Kelly, André e Thaisa, pelo amor e pelo desejo de vida que os fazem fortes e felizes.

Aos amigos Carmem, Miguel, Sílvia e Sueli,

que estiveram comigo nesta caminhada compartilhando conhecimentos, vivências e afetos,

À Ana, orientadora deste trabalho; pelo estímulo, pelo apoio, pela compreensão e pela liberdade.

Agradecimentos:

A Dra. Maria de Lourdes de Foux, pela iniciativa da Rede de Pós Graduação em Enfermagem da Região Sul - REPENSUL.

Aos Anestesiistas, Auxiliares de Enfermagem, Cirurgiões e Enfermeiras que em seus depoimentos, relatos e entrevistas, me disseram a vida no Centro Cirúrgico.

Aos membros do NUPEQS (Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre o Quotidiano e Saúde/UFSC), com quem pude conversar sobre o enfoque teórico proposto por Kaffesoli.

A João Carlos Müller, chefe do Depto de Cirurgia no período de realização deste trabalho, pelos diversos modos de incentivos.

Ao colega Rafael Caldieraro, pela disponibilidade na revisão de português.

A Emerson Galdino Carier, pelo prazer no trabalho de formatação e estética desta dissertação.

Aos amigos Wilson e Valéria Lunardi pelo aconchego e pelo afeto recebido.

As amigas Adriana Dora da Fonseca, Mara Santos da Silva, Marlene Teda Belzer, Marta Lexar Dax, Marta B. Borba e Sueli Lappas pela solidariedade, pela alegria, pela beleza da vida que estruturamos.

RESUMO

Tendo como apoio a sociomicroantropologia proposta por Michel Maffesoli e inspirado em Nietzsche, este trabalho mostra situações da vida diária no Centro Cirúrgico do Hospital Universitário de Rio Grande. Mostra um viver rápido na intensidade do tempo efêmero, que alguns, entendem como caótico e, por isto, desejam transformá-lo. Procura compreender a dinâmica deste lugar, levantar suspeitas sobre práticas desencantadas, acreditando que a compreensão, seja um estímulo para a reflexão de intervenções arbitrárias e para um "olhar o dia-a-dia" onde juntos, os homens vivenciam a poesia da vida simples.

ABSTRACT

Having as support the sociomicroanthropology proposed by Michel Maffesoli, and inspired in Nietzsche, the present work exhibits situations of daily life at the Surgical Center of the University Hospital of Rio Grande. A fast living is shown within the intensity of a fleeting time, one which some persons see as chaotic and, for that reason, would like to see transformed. An effort is made to understand the dynamics of this place, apprehension being exhibited regarding deceptive practices, with the belief comprehension may become an incentive for the reflection on arbitrary interventions and also for a day-by-day look where, in unison, man can experience the poetry a simple life implies.

RESUMÉ

Ce travail démontre la vie quotidienne dans le Centre Chirurgique de l'Hôpital Universitaire de Rio Grande, Rio Grande do Sul - Brasil, avec le soutien de la socioanthropologie qui propose Michel Maffesoli et sous l'influence de Nietzsche. Il se pose comme un portrait d'une vie rapide dans l'intensité d'un temps éphémère que quelque-uns jugent chaotique et donc souhaitent transformer. Cette démarche cherche comprendre la dynamique de ce lieu là, soupçonner des pratiques désenchantées en croyant que la compréhension peut stimuler la réflexion sur des interventions arbitraires et un regard quotidien, où les hommes, ensemble, puissent vivre la poésie de la vie simples.

As condições sob as quais alguém me compreende, fazem com que esse alguém me compreenda "necessariamente". Cumpre ser íntegro até à dureza nas coisas de espírito para poder suportar a minha seriedade e a minha paixão; cumpre estar habituado a viver nas montanhas, a ver "abaixo" de si o mesquinho charlatanismo atual da política e do egoísmo dos povos, e é, finalmente, preciso ter-se uma pessoa tornado indiferente e não perguntar nunca se a verdade é útil, se chegará a ser um destino... Uma predileção da força para questões que hoje ninguém tem coragem de dilucidar; vapor para o "proibido", a predestinação para o labirinto; uma experiência de sete soledades; ouvidos novos para música nova; olhos novos para ver o que está mais longe; uma consciência nova para verdades mudas até agora, e a vontade para a economia do grande estilo: reunir a sua própria força, o seu "entusiasmo"... o respeito a si mesmo, o amor próprio, a liberdade absoluta com respeito a si...

Pois bem, os meus leitores são só esses, os meus verdadeiros leitores, os meus leitores predestinados: o que importa o "resto", que não é senão a humanidade? - É preciso ser superior à humanidade em força, em grandeza de alma - em desprezo...

NIETZSCHE

SUMÁRIO

PARTE I - FOCALIZANDO ESTE TRABALHO

<i>Falando de mim</i>	2
<i>Inspirando -me em</i>	6
<i>O modo de fazer</i>	14

PARTE II - O CENTRO CIRÚRGICO EM FOCO

CAP. I - A IMAGEM DO LUGAR

<i>A imagem estereotipada.</i>	20
<i>A imagem interiorizada</i>	28

CAP. II - A INTENSIDADE DO TEMPO

<i>O desamparo</i>	38
<i>A vida sempre recomeçada.</i>	44
<i>A sensual sabedoria</i>	48

CAP. III - AS RELAÇÕES AFETUAIS

<i>A cumplicidade</i>	53
<i>Errâncias e liberdades</i>	59
<i>Paixão e ódio</i>	68

PARTE III - RETOMANDO E FAZENDO CONSIDERAÇÕES

<i>Considerações</i>	74
----------------------	----

BIBLIOGRAFIA	83
---------------------	-----------

PARTE I

FOCALIZANDO ESTE TRABALHO

*Se eu duvido, esta dívida não visa tanto os próprios fatos
quanto o extremo grau de crença que temos neles*

(F. Fontane).

Falando de mim...

O Bloco Cirúrgico tem sido o local onde desenvolvo minhas atividades profissionais desde que ingressei, como docente, no Curso de Enfermagem da Universidade de Rio Grande (URG) há doze anos. A princípio, o conhecimento que tinha deste setor, advinha do apreendido na graduação, onde o ensino era calcado no rigor técnico, e das leituras e trabalhos teóricos realizados a partir de publicações científicas, a maioria de origem estrangeira. Fatos que, associados ao não hábito da reflexão contextualizante, levaram-me à idealização de um Centro Cirúrgico e ao distanciamento da prática próxima, real, concreta. O Centro Cirúrgico que idealizava era um local onde o conhecimento científico assegurava a impecabilidade dos procedimentos e técnicas realizados, onde a responsabilidade assegurava o direito do paciente a uma assistência da melhor qualidade e, onde a consciência do dever assegurava o cumprimento de normas e rotinas.

Mais tarde, atuando como supervisora da Clínica Cirúrgica, participei na implantação do Centro Cirúrgico do atual Hospital Universitário de Rio Grande, e passei a acompanhar o dia-a-dia nesta unidade. Os primeiros meses de atividades no então inaugurado, Centro

Cirúrgico, foram muito prazerosos, principalmente, proporcionados pelas relações entre as pessoas que ali trabalhavam. A incerteza, o novo, o desconhecido, nos impusera a partilha da responsabilidade, do desejo de acerto... da solidariedade que podia ser percebida no esforço, na disponibilidade, na alegria demonstrada pelos trabalhadores locais. As freqüentes trocas do pessoal da administração deste hospital, o desgaste dos materiais aliado à falta de reposição, e o crescente volume de cirurgias, provocaram instabilidades e inseguranças. Estas, se manifestavam de modos variados que eu não compreendia e não aceitava.

A visão administrativa que tinha na época, e que hoje percebo como equivocada, impulsionou-me para a elaboração de normas, rotinas, portarias, circulares, como tentativas de buscar a organização, a estabilidade, o controle, a provisão, a previsão, a certeza. E... as respostas foram proporcionais. As insatisfações, as transgressões, as suspensões de cirurgias proliferavam. A rigidez na busca do ideal, a intolerância, o desejo de controle e a necessidade imposta por mim, de responder a tudo e a todos, levavam-me a conflitos que se traduziam em angústia, desgaste físico e emocional.

Como entender este setor, onde as normas tinham razões imperativas para serem cumpridas, mas as transgressões aconteciam a todo momento; onde as rotinas, cujo objetivo era facilitar o trabalho e evitar complicações, eram desconsideradas frequentemente; onde o silêncio preconizado se pronunciava mais em momentos de tensão sendo portanto, perturbador; onde os rituais eram realizados repetidamente,

mas sempre como se fosse a primeira vez, exaustivamente renovados; onde a organização desejada e partilhada na intenção parecia tão fugidia e o também partilhado inconformismo com a não organização formal tão presente?

Quanto mais o tempo passava, mais aprofundava o conhecimento técnico-administrativo, mais dúvidas, mais frustrações e de modo mais instigante eu percebia este setor. O conhecimento, a práxis, o "estar dentro", o exercício do poder a mim conferidos, não só pelo cargo que ocupava, mas também pelo conhecimento que acreditava ter daquela realidade, não eram suficientes para aproximar este Centro Cirúrgico àquilo que "devia-ser", ou seja, o descrito em livros. A boa vontade de tantos era impotente para torná-lo um "padrão". Das reuniões com colegas não surgiam propostas capazes de transformar este lugar em algo melhor do que era. Dos administradores não obtínhamos nenhuma decisão tranquilizadora. E mesmo assim, defendíamos e gostávamos deste lugar...

Perturbada por estas reflexões, sentindo o vazio da perda do ideal, vivenciando a ambigüidade do desencanto e do prazer no trabalho realizado, e não querendo mais cometer arbitrariedades, optei por afastar-me deste lugar e vir em busca da compreensão desta realidade. Leituras realizadas sobre a socioantropologia que vem sendo desenvolvida tendo como foco o cotidiano, mostram-me uma maneira diferente de olhar esta realidade. Olhar para os trabalhadores no cotidiano, onde para além das formalidades, regras e leis, eles são movidos por paixões, ódios e imaginação. Olhar para o cotidiano social

deste Centro Cirúrgico, movido por desejos e transbordante de vitalidade, onde os homens superam diariamente múltiplas dificuldades, permitindo a continuidade do serviço e garantido a assistência ao paciente cirúrgico.

O enfoque teórico proposto por Michel Maffesoli pareceu-me adequado para buscar a compreensão deste espaço emocionalmente vivido, que a experiência prática, o conhecimento sensível me fazia saber, porém, o conhecimento racional não justificava, não fundamentava e de certa forma até rejeitava. Percebo, que este espaço partilhado por homens que se organizam informalmente e que são desafiados constantemente pela lógica do "dever-ser" e pela lógica existencial, é um espaço rico de possibilidades, que precisa ser invadido se quisermos descobrir seu pulsar vital. Este pulsar que move, harmoniza, desestrutura, organiza, é o que pretendo perceber no Centro Cirúrgico do Hospital Universitário de Rio Grande, acreditando que, isto, ampliará a visão deste local já tão descrito, questionado, explicado, normatizado, e prescrito, do ponto de vista econômico, assistencial, psicoestressológico, funcional, porém, nunca olhado por sua vitalidade expressa no cotidiano.

Buscando compreender a dinâmica organizacional do Centro Cirúrgico, assumo o enfoque teórico da sociomicroantropologia proposta por Michel Maffesoli, para penetrar no cotidiano deste lugar. Busco, em Nietzsche, os fundamentos da paixão pela vida, do ódio á tirania e do desprezo ao absolutismo.

Inspirando-me em...

Michel Maffesoli, sociólogo, teórico da antropologia e da sociologia, é professor na Universidade de René Descartes, Paris, Sorbonne. Sua obra é marcada pela generosidade e pela paixão para com os homens comuns. Atento às relações exuberantes e banais, se propõe à desmistificação do paraíso prometido do amanhã e à busca da felicidade no presente.

Pensador da Pós-Modernidade, termo que usa para combater os excessos da modernidade que agoniza, acredita que na modernidade o progresso é um valor em si. Através dele, o homem pensa conseguir reformar o mundo para atingir a sociedade perfeita (do amanhã). Este é o projeto da modernidade. E, se o progresso exige muito trabalho, produção, padronização, então o homem deve ser preparado para tal. Os grandes sistemas explicativos marxistas, freudianos, funcionalistas, deslocam o gozo da vida para o futuro (incerto) e junto ao cristianismo, ao puritanismo, fundam idéias que indicam o "deve-ser-agora" para a realização plena "um dia". A lógica do "dever-ser-agora" disciplina o corpo para o trabalho explorado produtivo, o espírito para o sofrimento

recompensador, a idéia de bem comum (ética) para moral utilitária, a razão para ser elevada (hiperelevada - hiperacional) ao ponto de que todo excesso, a diferença, o desvio possa ser evitado ou eliminado. Assim, finalmente, o homem estará livre para gozar da perfeição e ser feliz.

Teremos que ser pacientes para esperar esta felicidade (utópica). Para isto, podemos buscar motivação no cristianismo que anuncia o final dos tempos e os dias melhores que virão (após a chegada do Salvador), na política que nos promete reformas para uma sociedade mais justa (o reformismo é uma forma de pensar o amanhã), nas ideologias que pretendem através da revolução uma maneira de buscar o futuro radioso, ou na história que nos mostra a evolução do homem, o progresso e suas consequências (felizes?).

Maffesoli entende que "através das grandes narrativas legitimadoras, a modernidade afundou-se no mito do progresso ilimitado, da razão absoluta, do iluminismo emancipatório. Em consequência, o ódio ao presente disseminou-se, as estratégias afirmativas da vida, da criação no aqui e agora são recusadas, o ser é repudiado em nome do dever". Morin(1993,p.17). O homem tornou-se atento ao instituído, à oficialização de valores, cumpridor e elaborador de normas e regras de previsibilidade.

Na busca do bem, a sociedade tornou-se "castradora", limitante das liberdades individuais, da emoção, da criatividade, levando o homem à extenuação enquanto ser sensível que é. Maffesoli vê neste distanciamento dos objetivos pretendidos (utópicamente) e atingidos

(concretamente), uma separação característica da modernidade. Acredita que atualmente, na Pós-Modernidade, está ocorrendo um processo de superação desta separação pela fragmentação e pela multiplicidade de valores que estão juntos. Esta sociedade fragmentada, diversificada, não pode mais ser conceituada e nem pensada de maneira única - ela escapa aos modelos restritivos tradicionais. Os dias atuais registram as mudanças de valores que vêm se operando nesta sociedade: as convicções e certezas estão abaladas; não há grandes idéias que indiquem um "dever-ser" para o futuro, mas há o "querer-ser-feliz-agora"; não esperamos mais a sociedade perfeita do amanhã; buscamos um "viver a melhor vida-presente". Isto permite o reaparecimento de valores como a solidariedade, e a aproximação das pessoas para a superação das dificuldades entendidas como inerentes ao homem comum.

O homem atual não busca a identidade que aprisiona e o coloca na obrigação de ser aquilo que "tem-que-ser", mas busca a identificação que o permite estar ligado a alguma coisa hoje e, a outra, que considera melhor, mais aceitável, amanhã. Consciente de que não há uma única verdade, mas várias, a este homem cabe o processo de "sinceridades sucessivas". Maffesoli In.Silva (1993), alerta que a própria relação com o corpo não pode mais ser entendida como de dominação mas, sob a forma de florecimento. O homem não se conforma ao sistema, joga com ele. Não vai mais com a revolução, mas está com as pequenas mudanças cotidianas. A grande sociedade não consegue resolver seus problemas mas, ao mesmo tempo, a pequena sociedade os equaciona. Não existem mais grandes ideais racionais da sociedade, mas há a emocionalidade

no interior da pequena sociedade, há os sentimentos tribais que revalorizam a idéia de comunidade e dão importância ao próximo com quem se relacionam diretamente.

O homem não reduzido à razão, porque é, também emocional, e mistura sonho e paixão nas vivências diárias, apresenta comportamentos que não são irracionais ou ilógicos. Simplesmente estes comportamentos não se situam na dinâmica do produtivismo; tem lógica própria. Maffesoli acredita que o conflito é um valor nesta sociedade. Para ele, sempre há solução e resolução: é o contraditório mantido como tal e não superado. Estes conflitos estão no interior do indivíduo e da sociedade e nele podemos encontrar o vitalismo, o "querer-viver" que ordena e mantém o social apesar da fragmentação, da diversidade e da aparência caótica. (Silva, 1993).

Este vitalismo pode ser captado no cotidiano, que é para o autor, o lugar privilegiado para a análise da sociedade. Como diz, "A fadiga frente aos grandes valores que marcam com sucesso o pensamento burguês, o trabalho, o progresso, o produtivismo etc..., essa fadiga ou extenuação desses valores levam o pensamento em direção a esses **pequenos nada** da vida que constituem de fato o qualitativo". (1984, p.152).

Estes **pequenos nada** aparentemente insignificantes são também mais fortes do que as idéias. O cotidiano em sua concretude, em sua conservação como tal, escapa às teorizações, às idealizações. Por isto, considera que estes **pequenos nada** feitos de gestos, de formas e de aparências, devem ser considerados como expressão da potência social.

Estudar o cotidiano vivido em sua qualidade, inclui integrar no funcionamento deste, tudo o que constitui a vida dos indivíduos: o sonho, a imaginação, o jogo, a teatralidade, o ritual. Por isto, inspirado em Nietzsche, Maffesoli resgata uma sociologia compreensiva, que descreve a vivência pelo que ela é preocupando-se mais em descortinar os objetivos que os indivíduos perseguem na vida diária, do que reduzir esta vivência à estruturas rígidas de princípios categóricos. Ao propor uma compreensão poético-científica da realidade, que admita a pesquisa empírica e técnica não reduzindo-a ao racional, ele considera estar mais próximo do concreto social. Para ele, a pluralidade, a indeterminação e a concretude da vida cotidiana permitem um conhecimento inacabado que acompanha mais de perto o inacabado social.

Friedrich Nietzsche, foi professor, teólogo, filólogo e filósofo. Nasceu em Rocken, Alemanha, e morreu em 1900 aos quarenta e quatro anos. Sua singularidade está no ser plural que foi: romântico, impiedoso, filósofo da paixão e da desconstrução, poeta inquiridor, de alma inquieta, amante da música e da vida. Um obstinado de visão penetrante capaz de passar dias e noites escrevendo. Deixou várias obras apaixonadas, pessoais, grandes pela intensidade e pela forma, a maioria delas inacabada.

Considerou a ciência pela ótica do artista, a arte pela ótica da vida e dizia que ao procurarmos a compreensão, ficamos mais próximos da verdade e da beleza. Por isto, focalizou seu olhar no mundo buscando percorrer o sentido da vida. Para ele a própria vida é construtora e organizadora de uma indefinida alternância de criação e destruição, de

alegria e de sofrimento, do bem e do mal. Percebeu a vida como razão de todos os valores e entendeu que ela própria " é o instinto de crescimento, de duração, de acumulação de força, de 'potência', e onde falta a vontade de poder, existe a degeneração".(1984, p.4).

Opôs-se à história, à moral, aos regimes de governo e aos dogmas religiosos, pois entendia que estes, são valores degenerativos que levam o homem à negação da aceitação da vida. Para Nietzsche, a questão moral é um problema da verdade. As proibições morais subsistem nas épocas em que a razão está mais submissa. Uma proibição cujas razões não compreendemos ou não admitimos é quase uma ordem. O homem de espírito obstinado, aquele que tem sede de conhecimento, vai buscar o porquê da proibição. Os de alma servil, os pobres de instintos, os fracos, se submetem, sofrem, carregam fardos e são aprovados pela sociedade que sofre de enfermidade moral.

Na moral como consequência, hipócrita e na moral como causa, freio ou estímulo, Nietzsche encontra a nefasta inversão de valores. Onde os bons são os impotentes, os humildes, os que sofrem, os de vida fraca incapazes de explosões de paixões, de emoções, de potência e de vida. À esta inversão de valores, ele ataca dizendo que: "... o ódio àquilo que é humano, e mais ainda àquilo que é animal, e mais ainda àquilo que é matéria; este horror dos sentidos, da própria razão; este medo da felicidade e da beleza; esta vontade de fugir a tudo quanto é aparência, mudança, devir, morte, desejo, até ânsia, tudo isto significa... uma vontade de nada, uma hostilidade à vida, uma recusa das condições fundamentais da vida; no entanto, isto é e continua a ser uma

vontade!"(1991, p. vii).

Percebeu a doutrina cristã, com seus princípios absolutos (Deus e verdade), como sendo a mais extravagante variação sobre o tema moral. Uma doutrina que se desenvolveu num campo "falso" onde os instintos das classes dirigentes colocam-se contra a realidade, contra todo valor natural estimulando a consciência fraca e escrava a escapar à vida, à dor, e à luta, pela resignação e pela renúncia, impostas como virtudes. Para impedir o homem de participar das alegrias e da plena satisfação dos instintos de vida, a doutrina cristã inventa a mais enganadora maneira de interpretar uma pretensa lei universal, ou seja, o pecado. Um instrumento de poder que submete os homens a um Deus que castiga e recompensa segundo graus de obediência.

Entendeu que, o reino dos céus é um estado do coração que não vem "por cima da terra" ou "depois da morte": "O reino de Deus, não é uma coisa que se espera, não tem antes, nem amanhã, não vem dentro de 'mil anos'. É uma experiência no coração e está em toda parte, não está em parte alguma". (1984, p.38). Para ele, Cristo, o que morreu na cruz, foi o único cristão. Morreu como viveu, como ensinou. Não para "salvar" o homem. Mas viveu para demonstrar como se vive, para demonstrar a prática da vida. Depois disto, tudo foi falseado e o cristianismo desenvolveu o ideal de oposição à vida defendendo tudo o que é fraco e pálido.

Segundo Nietzsche, não existe um fenômeno, um acontecimento, uma palavra ou pensamento cujo sentido não seja múltiplo. Uma coisa é

ora isto, ora aquilo, tudo é uma questão de interpretação e de avaliação. A arte é interpretar, desmascarar, ir em busca do que existe atrás das coisas, romper com hábitos aceitos. Avaliar é a delicada pesagem das coisas, dos sentidos de cada uma e de suas relações com outras. Escrever bem significa pensar melhor, descobrir coisas dignas de serem comunicadas e comunicá-las. É fazer com que o bom se torne universal e que tudo se torne livre para homens livres.

Para ele, a tarefa consiste em "trazer à luz o que *devemos amar* e *venerar sempre* e que não pode ser roubado por nenhum conhecimento posterior: o grande homem".(1995, p.12). Nietzsche amou a vida, os homens e buscou compreendê-los. Repudiou sentimentos baixos, amargou desilusões e fechou-se em si. Morreu só e incompreendido.

Para a aventura de pensar a vida cotidiana no Centro Cirúrgico, busco apoio e estímulo na socioantropologia proposta por Maffesoli, na filosofia de Nietzsche, nos homens que vivenciam a prática diária neste setor e em mim mesmo, admitindo a paixão, o desencanto, o apego, e a vivência, que me ligam à esta unidade.

© modo de fazer...

Existem vários "interesses de conhecimento" que vão dos mais gerais aos mais especializados. Estes conhecimentos são apreendidos por perspectivas abstratas onde o pensamento busca a construção, a crítica, o mecanismo, a razão, e por perspectivas empáticas onde o pensamento percorre a natureza, o orgânico, o imaginário. Cada uma destas perspectivas tem caminhos, regras e eficácia própria, permite escolher o objeto de estudo, o enfoque para análise e permite chegar a conclusões ou resultados. Considerando que a razão e a imaginação são formas complementares de apreensão do conhecimento, Maffesoli propõe um enfoque do objeto de estudo que admita esta complementaridade, integrando, assim, várias perspectivas na tentativa de apreendê-lo em sua mais ampla possibilidade.

Admitindo esta complementaridade para a análise da dinâmica organizacional deste Centro Cirúrgico, busco as duas formas de apreensão. Evito a acentuação no imaginário que pode conduzir-me a críticas utópicas, à descrição idealizada do Centro Cirúrgico e evito a

acentuação da razão que pode conduzir-me a construções normativas que busquem conservar ou transformar esta dinâmica. O que busco é a descrição da vivência no interior do Centro Cirúrgico pelo que ela é, numa "visão de dentro" desta organização, tentando percebê-la em seu movimento, procurando discernir formas, motivações e não descrevendo-o pelo que "deve-ser".

O indivíduo trabalhador neste Centro Cirúrgico, seja ele o auxiliar de enfermagem, o anestesista, a enfermeira ou o cirurgião, é o ponto de referência. Ele é visto como ator que encena o diário vivido, já que são suas motivações, suas razões, seus imaginários, suas paixões, que dão a vitalidade desta organização. Neste trabalho, não considero as funções profissionais que desempenham, mas vendo-os como atores, são as interpretações de diversos papéis que estão sendo focalizados. O espaço físico do Centro Cirúrgico, onde estes atores encenam o vivido diário, é visto como o lugar que dá sentido às cenas que se desenrolam e que constituem o drama, o anedótico, o trágico, o bizarro existencial desta unidade.

As cenas foram captadas pela participação em algumas atividades diárias, em relatos de casos feitos por trabalhadores e, reconstruídas por mim, a partir de entrevistas e depoimentos que foram gravados ou registrados por escrito para posteriormente serem analisados em seu significado. Como recurso secundário, busquei questões pontuais em documentos e em conversas referentes a este Centro Cirúrgico com pacientes, docentes, alunos e profissionais de outros setores.

A dinâmica organizacional em sua vivência é estruturada pela ordem e pela desordem que estão intimamente misturadas. A ordem é estática, estrutural, abstrata. A desordem é o movimento, a incoerência, a labilidade, o concreto; concepções complementares que são estrutura e conteúdo desta dinâmica. Tentando dar conta epistemologicamente desta relação orgânica, procuro estar atenta ao repetitivo que dá uma certa invariância ao dado, e ao minúsculo, ao banal, que dá o movimento. Para acompanhar esta dinâmica, utilizo a noção de "forma", proposta por Simmel, como instrumento de trabalho.

Simmel, apud Maffesoli (s.d.) emprega o termo não para designar o aspecto formal do dado, e sim, a forma de um problema. As coisas existem porque se inscrevem numa forma. A forma é processual, dinâmica, acompanha o movimento dos fatos, das cenas em suas variações, constâncias e incompletudes. Nos diz uma realidade onde de uma maneira ou de outra, todas as coisas participam. A forma permite ao observador, uma percepção, uma visualização do fato e a verificação de sua pregnância, sua correspondência no corpo social. É uma condição de possibilidade, a "probabilidade" maior de um fato ser simultaneamente aquilo que o observador vê, conhece e aquilo que é real.

A apreensão das cenas se dá por uma perspectiva qualitativa em que a partir da descrição de elementos desiguais, desordenados, faz-se associações para depois analisar e comparar às categorias de análise. Categorias são modulações da forma que como tal, não existem, são irreais, mas como instrumentos são metodologicamente úteis para verificar o fenômeno por um "outro ponto de vista". O jogo das formas se

dá pela metáfora comparativa da imagem das cenas apreendidas pelo observador com as categorias de análise do cotidiano visualizadas por Maffesoli. Trata-se de um procedimento de aproximação da observação empírica com a análise das formas.

A dinâmica existencial é feita de uma multiplicidade de situações, cada uma com sua importância e eficácia, e que são expressas por gestos, palavras, atitudes, ritos e emoções. Por isto, tentando dar conta desta multiplicidade, sem perder muito de seu movimento, esta pesquisa procura apresentar ao máximo os elementos heterogêneos que estão presentes ao mesmo tempo na cena cotidiana.

O método exige um "estar-junto" diante da situação que tem que ser vivida ou analisada e uma perspectiva que permita a maior aproximação possível deste objeto. Há necessidade de uma "errância" que permita estar o mais próximo da multiplicidade de ações, acontecimentos, sobressaltos que constituem a vida corrente. Atitude inquietante sim, pois não fornece a seguridade dos métodos tradicionalmente instituídos mas que é também estimulante, pois ao admitir o potencial cognitivo da experiência, força-nos a prestar atenção ao vivido, ao dito, ao demonstrado, ao empírico na intensidade do cotidiano.

A compreensão implica em generosidade do espírito, e proximidade. Por isto, mesmo não sendo ator, sou parte do que descrevo. Admito a cumplicidade que me permite sentir as discontinuidades, a incoerência, o sem sentido deste objeto de estudo. Assumo a liberdade de

misturar conhecimento, reflexão e paixão na análise desta micro dinâmica.

Não tive a pretensão de apreender o objeto de estudo nem determiná-lo ou propor uma reorganização. Propus-me a descrevê-lo em sua dinâmica, sua precariedade, fazendo ressaltar formas, acreditando que isto, possa contribuir para a valorização da comunicação, das emoções e do presente vivido neste lugar.

PARTE II

O CENTRO CIRÚRGICO EM FOCO

Não, o verdadeiro pesquisador, aquele que tem verdadeiramente o desejo de encontrar, não deveria abraçar nenhuma doutrina. Pelo contrário, aquele que tivesse encontrado, poderia admitir todas as vias, todos os fins.

(H. Heise)

CAP. I - A IMAGEM DO LUGAR

A imagem estereotipada

No todo "englobante" que é o Hospital Universitário, o indivíduo que aqui trabalha, desempenha uma série de funções sociais, profissionais, políticas, que exigem dele aptidões particulares e conhecimentos especiais. No desempenho destas funções ele participa de agregações sociais (departamentos, ambulatórios, salas de aulas, unidades de internação, etc.), numa relação de trocas formais e informais que permitem-lhes conhecer práticas, hábitos, costumes, idéias e sentimentos destes grupos sociais. No ir e vir de um grupo para outro, o indivíduo altera comportamentos, modifica atitudes, diversifica práticas, harmonizando-se com o meio no qual é integrante e, portanto, estruturador. A circulação nestes grupos favorece o reconhecimento dos diversos lugares permitindo uma idéia, uma interpretação da realidade vivida no interior deste hospital.

O Centro Cirúrgico é um setor pertencente deste todo hospitalar, porém, de circulação restrita. Esta "privacidade" tem relação com o tipo de atividade e de assistência ao paciente que ali é prestada. As situações de cirurgias, por se tratarem de procedimentos invasivos a partes estéreis do corpo, exigem uma gama de cuidados especiais que vêm contribuir na estruturação das diferenças deste lugar em relação a outros vividos no meio hospitalar. Fundamentado em princípios científicos que têm por finalidade diminuir a entrada de contaminantes de fora para dentro deste setor, ele tem em sua arquitetura, barreiras físicas que separam áreas irrestritas, de circulação permitida a todos, e áreas restritas, às quais só é permitido entrar com roupas próprias de Centro Cirúrgico.

A separação física que o torna um lugar fechado, restrito, ao mesmo tempo que evita a entrada de pessoas "estranhas" ao local, dificulta a saída dos que aqui trabalham. Isto intensifica as trocas, as comunicações, seja com pessoal dos serviços de almoxarifado, lavanderia, farmácia que trazem os suprimentos necessários, seja com o pessoal dos serviços administrativos ou das Unidades de Internações que aqui vêm pelos mais variados motivos. Estas trocas se dão em área comum, estabelecendo assim, a ligação deste setor com os mais diversos segmentos do hospital. Os que chegam observam situações, fragmentos da existência no interior do Centro Cirúrgico, porém, as motivações destes atos, os enraizamentos que dão sentido a estas cenas presenciadas, muitas vezes permanecem obscuros, pois, estão na interioridade deste lugar. Esta incompletude do conhecimento é preenchida pelo imaginário de cada um, que vai buscar idéias no saber construído pela ciência, pelas idealizações coletivas e que, muitas vezes,

dizem este Centro Cirúrgico, como um lugar silencioso, ordenado, de cumprimento rigoroso de princípios, normas e rotinas.

O tipo de atividade que aqui se desenvolve, onde a vida do paciente é que está em jogo, suscita um fazer imediato originado em necessidades presentes, com exigências para o aqui-agora. A isto, muitas vezes, é acrescido as intolerâncias, as ansiedades, as educações menos refinadas, os estrelismos individuais. l Coisas que conferem ao local, uma dinâmica rápida, tateante, ruidosa e que tem como centro o paciente; o concreto.

Os que pretendem deste local uma existência padronizada, homogênea e ordenada, assustam-se ao contemplar o contraditório, as diferenças, o caótico e, porque não dizer, o real. Esta imagem é percebida de maneira confusa, com sentimentos mais ou menos perversos que furtivamente capilariza-se no corpo social. O Centro Cirúrgico é visto, então, como um lugar desordenado, caótico, incontrolável, de extravagâncias e que, por isto, deve ser modificado. Esta imagem tem a força de dizer o vivido e faz saber, ainda que a compreensão escape, como bem demonstra uma enfermeira não trabalhadora neste lugar, ao falar de suas percepções em relação a este setor:

... é um caos onde as pessoas simplesmente...

entram para lá ... e parece que... que é assim...

Eu acho que deve causar... uma certa alteração

***de comportamento nas pessoas... deve alterar
o comportamento o fato de ser uma área física
fechada, o fato de ser um ato estressante... o
ato em si, o ato cirúrgico... o risco que tem...
até a insegurança que a pessoa deve sentir...
deve ajudar para que eles fiquem assim...
completamente... sem controle.***

A não aceitação da vida no que tem de incontrolável, de desordenado, repousa sobre o desejo (um tanto utópico), de um Centro Cirúrgico funcionando dentro daquilo que é pretendido como certo, como eficiente, livre do obscuro, do conflito. Aqui está o nó da questão: isto que chama-se "verdade", o certo, o pretendido, é ficcional. São razões lógicas com forte carga moral criada por nós e que, por arbitrariedade, desejos individuais ou instinto, é defendido em detrimento da realidade. É que nosso pensamento não aceita que o bem, o desejado, o sublime possa estar neste lugar caótico, ruidoso, de conflitos e frustrações. Esta aversão dá origem ao desejo irreprimível de substituir esta imagem que soma tudo, o bem e o mal, por uma outra que seja mais dominável mais manipulável, que venha ao encontro de projetos e propostas de um Centro Cirúrgico organizado e produtivo.

É Nietzsche quem nos diz: "quando não se coloca o centro de gravidade da vida *na* vida, mas sim no *mais além* no *nada*, tira-se à vida o seu centro de gravidade". (1984, p.47). Para ele, este deslizamento que conduz à não aceitação da vida como ela se apresenta, ao ódio de si, faz

com que muitas vezes o homem ataque sua parte essencial no que tem de mais real, de mais intenso e verdadeiro, ou seja, seu estar aqui, seu estar pelo e no mundo que vive.

A imagem do Centro Cirúrgico, no que tem de incontrollável, desordenado, está impregnada na comunidade que se relaciona com ele e que comunga sentimentos mais ou menos próximos. Freqüentemente, estes sentimentos em relação ao local se expressam em comentários como: "É um horror! Não tem jeito! Lá nada funciona. Não existe disciplina. Lá a coisa vai como dá". Esta imagem que se mostra em aparência caótica, não funcionando, não diz exatamente o que é o Centro Cirúrgico. Senão, como poderíamos explicar a continuidade de sua existência? Por não dizer o absoluto esta imagem não nos permite a certeza. Mas, precisamos colocá-la em relação para compreender como, apesar da aparência caótica, este setor tem produtividade, eficácia, aceita e desejada. Isto exige esforço de pensamento pois este facilmente se ocupa de pré-concepções, fazendo uma mistura estereotipada ou idealizada do lugar, e deste modo, distancia-se do real. É preciso espírito livre para, justamente por não ter certeza, nada discriminar e buscar também aí a origem desta imagem do real.

Para tanto, é preciso admitir que o imaginário, os sentimentos e comportamentos, sejam de mau gosto ou não, conformistas ou explosivos, cristalizam o viver-junto neste Centro Cirúrgico. Até mesmo porque não tem valia alguma negar esta realidade, já que ela sempre encontra formas de expressão que podem ser tão mais intensas, ruidosas ou perversas quanto mais reprimida for. Como diz Maffesoli, "ao invés de vê-

la como decadência, como fazem os espíritos pesarosos, é mais oportuno saber reconhecer aí, uma vida espiritual mais plena, mais concreta que vive todas as potencialidades e, deste modo, faz comunidade".(1995, p.102).

A vida vivida em todas as potencialidades, encontra-se neste vitalismo que emana do Centro Cirúrgico e ressalta as mais diferentes formas da existência em seu interior. O anedótico, o imediato, o extravagante, o assustador, que é vivido aqui, se exprimem de modo exarcebado ou, sutilmente, sob forma de fanatismos, intolerâncias, exclusão ou aceitação, que são demonstrados na revolta, nas reivindicações, no deboche. Muitas vezes, estes ditos, estas expressões, são interpretadas como "irracionalidades". É bem verdade que são acompanhadas de forte carga de passionalidade, mas que têm origem na brutal concretude do cotidiano precário em que vivemos. Por isto mesmo, precisamos estar atentos à vitalidade deste lugar que reflete sentimentos e desejos coletivos, que se mostram em diferentes nuances e que são determinados por uma infra-estrutura seja ela econômica, política ou de filosofia atual.

Recordo aqui quando duas enfermeiras mostravam-me dados estatísticos que traduziam a demanda cirúrgica no mês anterior, e ressaltavam, a ultrapassagem considerável de horas de cirurgia utilizadas, além das oferecidas pelo setor. Nas horas oferecidas, estavam privilegiadas reservas para urgências e margem de segurança estabelecidas de acordo com o número de salas, pessoal e materiais disponíveis. A qualidade do atendimento foi comentada, porém, não tive

disposição para aprofundar questionamentos, até mesmo porque, neste momento, meu foco de atenção está menos na qualidade *do* trabalho do que na qualidade *no* trabalho. Neste mesmo período, conversando com o então diretor médico deste hospital, perguntei-lhe como estava indo o Centro Cirúrgico. A resposta foi enfática:

Vai indo de forma ascendente; explodindo por todos os lados. O número de cirurgias aumentou muito. Faltam salas. Faltam anestesistas. Faltam materiais. Faltam roupas. Em consequência disto, os estresses também estão ascendentes. Parece que ninguém aguenta nada. Tudo é motivo de briga. É um rolo atrás do outro. É terrível!

Estas ocorrências e manifestações ressaltam que, quando, a política administrativa desloca a qualidade para a produtividade, o paciente é visto como um indicador desta produção e o trabalhador como instrumento para o alcance destes objetivos, o homem está em realidade, sendo violado em seus instintos de conservação e valorização da vida. Esta violação provoca ressentimentos, hostilidades que se expressam no vitalismo deste Centro Cirúrgico, em criações exuberantes, com mais ou menos furor e até monstruosas que o poder, o administrativo esforça-se para frear. Todavia, elas expressam a sensibilidade e a força da vida vivida coletivamente na miséria do cotidiano. De qualquer modo, este estilo vitalista acompanha a existência na interioridade deste Centro

Cirúrgico, fazendo cultura de lugar e refletindo formas do pensamento e dos sentimentos coletivos, que são profundamente enraizados na vida vivida no presente.

É neste vitalismo, onde imagens, sentimentos e manifestações coletivas fazem parte, que podemos ver, também, o "cimento misterioso" que liga o indivíduo que aqui trabalha, participando em ressonância com outros, e criando este ritmo particular. Ainda que seja um ritmo inquietante, de aparência caótica, tem potência de criação e por isto mesmo, anima o espaço local, dando-lhe vida, existência e continuidade. Neste sentido, Maffesoli fala do renascimento de um "Homo Religiosus", isto é: "um indivíduo social e uma sociedade que não repousa sobre uma distinção com o outro, mas em uma empatia que me torna com o outro, participante de um conjunto mais amplo, totalmente contaminado por idéias coletivas, emoções comuns e imagens de todos os tipos".(1995, p.109).

Esta "religião" (Religiosus) pela contaminação de idéias, emoções comuns, onde o homem participa com estes, não se dá somente por um programa de cirurgias a serem realizadas, por um trabalho a ser feito ou por uma escala de atividades a serem cumpridas. Ela vai se dar também a partir de uma vida material presente onde a doença, as condições para a realização de cirurgias são reais e onde nossas idéias, emoções e sentimentos em relação a estes fatos concretos, determinam o fazer e a participação nos atos. É aqui que a paixão profunda que muitas vezes se mantém invisível, pode manifestar-se subitamente irradiando-se ao mundo da superfície tornando-se visível no clamor ou na suavidade,

constituindo assim, o ambiente em que se vive junto a estes.

O ambiente do Centro Cirúrgico é o espaço, o local acrescido de vida, dinamizado por emoções e paixões. Algo mais do que uma área física com equipamentos e instrumentos especiais onde são realizadas as cirurgias; mais do que um local de cumprimento de normas, rotinas e princípios científicos; bem mais do que um espaço de produção de trabalho com fins lucrativos. Por isto, pondo de lado as suspeitas que fazem deste lugar um reservatório do mal, da desordem, da indisciplina, da intolerância, talvez possamos vê-lo como um local onde a brutalidade do cotidiano constrói uma harmonia entre homens e materialidade.

Para aqueles mais resistentes a este olhar, coloco aqui, palavras de Nietzsche que nos alertam que: " as mesmas novas condições que serviram para mediocrizar o homem, a criar um homem de rebanho, útil, laborioso, capaz de muitas coisas, são capazes no mais alto grau a gerarem homens excepcionais, de qualidade mais perigosa e atraente". (s.d.^a p.243).

A imagem interiorizada

O Centro Cirúrgico é um espaço onde vivemos em comunhão, investimos emoções e onde todos os elementos; pessoas, materiais, idéias, sentimentos, relacionam-se entre si. Isto inspira o conhecimento e a confiança que constitui o ambiente no qual trabalhamos, depositamos

sonhos, desejos e encontramos um equilíbrio, às vezes conflitivo, às vezes sublime na vivência diária.

O encontro dos indivíduos no vestiário do Centro Cirúrgico afirma o aqui-agora que vamos viver juntos. Ao trocarmos nossas roupas pessoais, que nos diferencia uns dos outros, por roupas próprias do Centro Cirúrgico, que nos une a estes, ao dizermos palavras gentis como um simples bom dia, damos início às trocas, às comunicações; atualizamos o viver-junto. O cigarro fumado apressadamente, às vezes escondido, e visto por olhares indiferentes daqueles que se despem e se vestem, inaugura a cumplicidade que permitirá o afrontamento do dia que viveremos juntos. Neste sentido, este espaço geográfico e também simbólico, é o fundador do "estar-junto" desta comunidade cirúrgica. Nele se dá o nascimento e o crescimento das agregações dos diversos elementos, a estruturação dos gestos, dos pequenos ritos que vão constituir a existência cotidiana.

Ao entrarmos neste Centro Cirúrgico, importa menos nossas histórias pessoais vividas lá fora com a família ou com amigos em outros espaços cotidianos, do que as histórias vividas neste local. São as histórias vividas aqui que permitem o reconhecimento do lugar e que despertam o sentimento de "ser deste mundo que partilho com estes". Neste local, com sua arquitetura, equipamentos, sinalizações visuais e sonoras, trocas, reconhecimentos, partilhas, enfim, em sua diversidade, em sua diferenciação com outros espaços cotidianos, é que vivemos e é onde depositamos nossas motivações, saberes, intenções, sentimentos, para num sinergismo produzirmos as comunicações, as situações vividas

coletivamente no interior do Centro Cirúrgico. Ao realizarmos nossa prática, este espaço nos ensina os gestos, os rituais, os dizeres, a linguagem dos olhos, das mãos, dos objetos, os modos de fazer apropriados às atividades e especificidade do local, moldando coletivamente nossos hábitos e costumes diários, tornando mais fácil, mais tolerável a vida vivida com estes.

Ao moldar-nos para uma vivência adequada, o espaço do Centro Cirúrgico se faz conhecido e se constitui num lugar seguro para o afrontamento daquilo que não conhecemos, daquilo que não queremos ver e que, independente de nossa vontade, se faz presente, se mostra, acontece. É o que nos permite enfrentar mais um turno de trabalho, mesmo sabendo que a precariedade dos equipamentos, a falta de materiais apropriados para a prática cirúrgica, a ausência de um indivíduo ou a presença de um outro, dificultam nosso fazer. Mesmo sabendo que para além de nossos desejos e idealizações, a imediatividade dos atos necessária à manutenção da vida do paciente, muitas vezes acaba por "matar" nossas pequenas ilusões de uma prática planejada; mesmo sabendo que nossos conhecimentos e habilidades não evitam que o inesperado se mostre e que as frustrações aconteçam. É neste local com limites definidos onde estamos juntos, usando roupas iguais, num tempo-espaço aqui-agora, que repetimos gestos, realizamos rituais e que encontramos segurança para o afrontamento do que está por vir. É sabendo, conhecendo este espaço que encontramos apoio e liberdade para fazer, para dizer, para criar, para jogar o jogo da vida na interioridade do Centro Cirúrgico.

O fazer, as motivações do fazer e algumas vezes o sem sentido dos atos se expressam na multiplicidade, na imperfeição, na harmonia das situações que se fazem e se desfazem. Situações, momentos objetivados onde todos participam seja na proximidade ou no afastamento, no fazer ou na espera. Como o bate-papo no vestiário atualizador do viver-junto, ou no afastar-se daqueles que realizam a escovação das mãos, reafirmando o respeito à individualidade do ser no permitir-lhe momentos de intimidade reestruturadora do seu saber, de suas crenças, de seus mitos e misticismos, ou, quando todos a postos, equipe paramentada, mesa de instrumental preparada, aguardamos a chegada do paciente...ou, do anestesista. Unidos na espera comum. Ou mesmo como em discussões no corredor, onde todos queremos ser ouvidos naquilo que acreditamos, e neste dizer nos fazemos conhecidos. A adequação das múltiplas situações vividas aqui, na imediatividade do tempo presente, com a pluralidade do local (seres, objetos, emoções, idéias...) é o que Maffesoli (1987) refere como a vida cotidiana tornada uma obra de arte criada coletivamente.

Na relação de coerção, familiaridade e estranheza, de obra coletiva onde nossa aventura diária é vivida com riscos, seguranças e liberdades, é que está o fundamento de nosso apego afetivo a este local. O apego é determinado por um gosto particular e que tem enraizamento naquilo que toca nossa sensibilidade. Seja o cheiro que percebemos como agradável, o visual limpo e ordenado que valorizamos, o ambiente restrito, fechado, que nos permite trabalhar sem ser importunado, ou, a dinâmica de trabalho que nos excita na intensidade das emoções que são canalizadas para o ato cirúrgico. A isto, denominamos sensualismo local.

Este lugar, reservatório de sensibilidades e apegos, de idéias e ludismos, de apoios e de afrontamento do destino, de seguranças e incertezas, é uma espacialidade interiorizada que resulta na imagem subjetiva do local. Nesta imagem subjetiva se inscreve nossas representações, sonhos e práticas. É o lugar acrescido de toda a carga afetiva e imaginária que passa a ser percebido por nós como um local muito especial que nos atrai por suas qualidades notáveis. Faz com que nos refiramos a ele como "meu lugar", ou o "setor de maior importância deste hospital", ou ainda "é a minha casa". A isto, Nietzsche chamou de "diário figurativo": "Diário que nos ensina o que é preciso dizer, fazer, pensar, amar. Diário que nos ensina 'que podemos viver aqui, já que vivemos aqui'. Dessa maneira se forma um 'nós' que permite a cada um olhar para 'além da efêmera e extravagante vida individual': sentir-se 'como o espírito da casa'." (1987, p.168). O enraizamento destes apegos, destes afetos, destes "sentir-se como o espírito da casa" num mesmo local, é a afirmação que une coletivamente estes indivíduos ao lugar. Aqui tem origem a imagem mítica do lugar.

O mito é a imagem finalizada de um cosmo ordenado onde tudo faz parte, onde diariamente se vive a alteridade, a morte e a continuidade. O que uma única pessoa não pode assumir (o conhecimento da técnica cirúrgica, anestésica, administrativa, de limpeza; a habilidade na manipulação de instrumentos, na mediação de relacionamentos, no cuidado com paciente; a sensibilidade para manter o ambiente num clima ameno, a agressividade para superar momentos dramáticos, a alegria para aliviar tensões...), o conjunto o assume. Neste sentido o Centro Cirúrgico é o resumo plural do que um único indivíduo não pode

realizar. É neste reservatório que tem origem o "mito da terra sem mal" que nos liga de modo inexorável ao local. Aí nos realizamos, aí nos sentimos em casa, aí nos liberamos. Esta imagem mítica expressa o concreto querer viver, a complementaridade, a partilha vivida na intensidade diária.

É neste local que diariamente nossas relações são estruturadas, que experienciamos o vivido social, que aprendemos uma vivência adequada e liberamos nossos afetos e paixões. Assim, o Centro Cirúrgico se constitui num espaço criador, que encerra, determina e permite a nossa existência cotidiana. A nossa permanência aqui, expressa o reconhecimento do lugar. A experiência do vivido em comunidade fundamenta a grandeza deste local. O mito inscreve o sublime viver diário em nosso desejo de estar-junto estruturado a partir de, e em torno deste local.

"A cidade de todos os dias é aquela onde nossos afetos se enraizam, onde se vive na imperfeição, mesmo e sobretudo quando evoca, imaginariamente, uma figura mítica onde se realiza a harmonia plural. A espacialidade onde 'tudo junto' adquire corpo, é um lugar dinâmico, feito de ódios e amores, de conflitos e distensões. É uma 'casa' objetiva e subjetiva onde a socialidade¹ é vivida diariamente, na palidez e no brilho, fundada, como toda situação mundana, no limite". Maffesoli (1984, p.58).

¹Maffesoli emprega este neologismo para exprimir a força de criação das sociedades. Mistura de ação, situação, afetos, imagens e diferenças que formam um todo e expressa a vontade irreprimível de viver a existência individual e social. (1984, p.8/13/114).

Posso dizer que o Centro Cirúrgico é um lugar calmo, silencioso, dinâmico, ruidoso, feito de paixões, agressividades, sensualismos, medos, apoios, brigas, tolerâncias, interesses, compromissos, afetos e partilhas que fluem livremente deste coletivo. Este espaço estruturador, coercitivo, liberador, interiorizado e mítico, funda a existência coletiva que se expressa na alteridade, na pluralidade, na diversidade, na imperfeição e na vitalidade que emana deste lugar.

Certamente aqueles que não conseguem visualizar o conjunto e por isto reduzem o Centro Cirúrgico a um espaço de trabalho para o atendimento da demanda cirúrgica, verão nestas colocações uma forma romântica (e deslocada é claro) de dizê-lo. É compreensível. É preciso tê-lo vivido algum tempo e ter perguntado: Por que é assim ? E, na busca desta resposta ter ouvido os que estão aqui para perceber toda a carga de significados afetivos e míticos que foi colocada nestes depoimentos:

*Anestesista: **Eu gosto do lugar porque ninguém vai lá me incomodar. Eu entro, faço minha anestesia... e... tudo bem. Me sinto mais seguro no Bloco Cirúrgico da², as salas são mais amplas...e, porque lá... é a minha casa.***

²A fala foi suprimida para evitar a identificação do lugar.

Cirurgião: *Adoro o Centro Cirúrgico... Lá eu me realizo. Me sinto dono... Em casa. No Bloco Cirúrgico posso extravasar...*

Enfermeira: *Gosto do cheiro do Centro Cirúrgico. Gosto do lugar fechado, restrito... Os outros são sempre visita, tem que pedir para entrar. ... Os de fora me esquecem e não vão lá me importunar. Posso trabalhar em paz. Com a³, não sinto dividindo o que é meu. É dela também.* E alguns meses após a transferência desta enfermeira para uma unidade de internação, ela diz: *Sinto falta do Bloco Cirúrgico... aqui não é meu lugar. Ainda me dói ir lá... ver as coisas mexidas assim no mais... É porque lá, cada coisa era como era por uma razão muito forte...*

Enfermeira: *Gosto do Centro Cirúrgico, o visual... o ambiente limpo... é também pela*

³ A fala foi suprimida para evitar identificação da pessoa. Refere-se à enfermeira do outro turno.

contaminação... mas, é mais por necessidade minha. No Bloco, tudo é muito estimulante, sempre tem muita coisa... é um desafio. Mas... eu preciso esquecer. Estou tentando... mas faltam coisas. Sabe, é como a tua casa. Como tu sai e deixas com estranhos ? E após transcorridos mais ou menos sete meses de afastamento desta enfermeira do Centro Cirúrgico ela diz:
Eu me sinto sem pátria.

Estas falas, expressas aqui, que podem ser percebidas como banais, são ao mesmo tempo muito próximas, estão no nosso dia-a-dia, sentimos, vivemos; mas são mal conhecidas por nós. É que habitualmente estamos ocupados em conhecer as atribuições do ofício, em elaborar rotinas formais, em realizar projetos, em testar modelos que concorrem para o fazer diário. "Esquecemo-nos" de olhar para as coisas simples, banais que, contudo, nos informam em profundidade sobre um mundo que supera a rigidez dos mecanismos racionais e estruturam as múltiplas situações vividas coletivamente.

Na fascinação pela razão, valorizamos mais o que queremos determinar, damos maior ênfase ao normativo, reduzimos a vida àquilo que pode ser controlável, julgado, mensurável. Criamos uma ficção e nos ocupamos dela. Com isto, deixamos de olhar para a vida mais concreta: a vida que vivemos no cotidiano onde, para além das determinações, das imposições, existe um interesse do aqui-agora que põe em jogo afetos e

paixões. De qualquer modo, estes sentimentos, estas imagens e simbolismos, podem não ser considerados, mas, não podem ser negados já que estão desde sempre na centralidade deste conjunto social e, é o que pode explicar a conservação e o enriquecimento deste Centro Cirúrgico.

CAP. II- A INTENSIDADE DO TEMPO

O desamparo

Quando entramos neste local, despojamo-nos de nossas roupas, livros e pertences, deixamos em suspensão problemas individuais e muitas das formalidades institucionais, sociais e políticas. Entramos numa realidade onde espaço e tempo concorrem para exigir-nos atitudes, condutas e trocas diferenciadas das que habitualmente realizamos no meio hospitalar externo. Os procedimentos cirúrgicos e anestésicos com maior ou menor intensidade, colocam em risco a vida do paciente. Um risco que, como tal, é obscuro, real e traz para a interioridade deste lugar a possibilidade de morte. Conscientes ou não, a morte é o "fantasma" que habita o imaginário coletivo e que tem um peso significativo, despertando em nós o sentimento do destino, que vem acompanhar e dar sentido a

muitas das situações vividas aqui.

Cada paciente que vem traz o incerto, o risco, a possibilidade de morte. Diariamente somos afrontados por estas situações concretas e que são fundadas num tempo eternamente efêmero. Num tempo que passa rapidamente e que não nos permite ir buscar, para a tomada de decisões, os fundamentos em livros, o apoio nas discussões de casos, a seguridade nos manuais de procedimentos e técnicas para cirurgias. Mas, apesar do desamparo, estas situações precisam ser geridas. Diante desta angústia e da melancolia de não dispor do depois-eu-faço, do amanhã-eu-leio, do mais-tarde-eu-procuro, isto é, quando não há o além, o que importa é o presente.

A nudez, a imobilidade, a silenciosidade do paciente anestesiado na mesa cirúrgica nos desafia e atrai nosso olhar para um corpo que escracha sua fragilidade. Um jogo de sedução que nos faz submisso a regra do cuidar, que se faz segredo pois encerra em si o que não sabemos, que se entrega mas não se deixa dominar. Sabemos que, para este corpo, basta a indiferença aos nossos conhecimentos científicos, às nossas habilidades, aos nossos cuidados, aos nossos recursos tecnológicos, para nos fazer ver nossos próprios limites e vivenciar, então estas pequenas mortes de nós mesmos.

Frente a angústia desse sentimento do trágico⁴, passamos a

⁴ O trágico se inscreve na nossa existência e nos lembra que a vida é regulada pelo limite. O sentimento do trágico serve de horizonte a uma série de situações que são estruturadas na angústia dos homens diante da morte e do limite inerentes à vida.

investir no presente concreto que dispomos. Intensificamos nossas percepções, nossas respostas, nosso fazer, como forma de negar o tempo que passa, um futuro incerto que virá e que poderá nos mostrar a finitude do nosso poder, a incompletude do nosso saber, a incapacidade do nosso querer, a impotência do nosso fazer. O impacto do trágico, o investimento no instante vivido como forma de afrontamento do destino, pode ser visto nas expressões pinçadas no depoimento de um cirurgião que trabalha neste lugar:

...ele (paciente) está entregando a vida dele para mim... isto faz com que eu sinta um enorme peso sobre mim... sinto a pressão... eu preciso extravasar. (...) Até a hora da cirurgia... aí sim minha concentração é total. Penso na vida... não me importa que paciente é. Penso na cirurgia que estou fazendo. (...) Após a cirurgia fico muito calmo... esgotado.

A este respeito Maffesoli vem dizer que: "A acentuação do presente que cristaliza todo o sentido num momento vivido e pontual, dignifica essa mesma vivência". (1984, p.26).

Falei anteriormente que a morte é o "fantasma" que habita o imaginário coletivo. Nas palavras deste cirurgião, que traduzem o profundo investimento num tempo que se esgota no próprio ato, podemos perceber a importância da imaginação que, assim como a paixão,

participam na estruturação das situações vividas. Este enfrentamento se dá numa pluralidade de sentimentos, manifestações que se mostram em aparências tateantes, obstinadas e até caóticas, que podem ser incompreensíveis se não percebermos a gravidade e a profundidade que serve de fundo ao gesto, à atitude, ao dito.

Nestes momentos de investimentos no presente, os diálogos se mostram em aparências onde o verbo, o predicado, adquirem força pois acompanham a vida em ação, o fazer, os sentimentos, as imagens presentes. Um diálogo no trans-operatório poderia ser mais ou menos assim reduplicado:

-Posso começar? -Pode. - Pedi uma ligação: diz que depois eu ligo.
 - Corta aqui. - Tudo bem aí? - O cara complicou; mas agora vai - Só tem zero. -Tráz o da casa. - A Mariasinha está com sono; o que fizeste da noite, heim?- Estás dormindo cara; presta atenção aqui. - Soro. - Vou tomar café. - Chama a enfermeira. - Te esperei esta noite e tu não apareceu... - Não acredito que tu me chamou para isto... - Conseguiste o que te pedi? - Está na mesa. - Aspira. - Dá a sonda. - À que tu pediu não tem. - Como não tem? - Não tendo. - Eu preciso. - O que tu queres que eu faça? - Aqui não dá mais para operar; nunca tem nada, é sempre assim.
 - Seca. - Viste o jogo ontem?...

Quando o "obrigado", o "me desculpe", "o por favor", são desnecessários, quando a coerência não segue uma linearidade conhecida e abstrata mas está de acordo com a vida, quando a revolta não é dirigida a alguém pois está enraizada na dificuldade concreta, as

situações ainda assim, podem se desenvolver com eficácia e harmonia. Certamente chocam aqueles que procuram uma adequação entre o ato, o dito, o real com a formalidade de convívio em sociedade, com o respeito rotulado ao paciente, como o silêncio ideal para um Centro Cirúrgico, com as determinações técnicas, ou com o código de ética estabelecido. Chocam-se aqueles que têm várias razões para o dever-ser diferente desta realidade. Realidade onde forças bem mais concretas integram o real, a coerção, a necessidade.

Sabemos a precariedade do tempo que temos, sentimos a repulsa pelo desconhecido, a melancolia pela seguridade escassa, a angústia no afrontamento de nossos limites. Mas, sabemos também que precisamos viver o tempo que temos, pois, desejamos a vida que vivemos já que reconhecemos toda a beleza que lhe é própria. Por isto, mesmo sem esperar o agradecimento, a recompensa, o reconhecimento dos superiores, mesmo sem os recursos ideais, sem a esperança da cura, sem a certeza do amanhã, nos dedicamos ao trabalho no Centro Cirúrgico acolhendo as situações que se mostram e investindo num tempo fragmentado, presente, efêmero. Afirmamos, aceitamos a vida que temos e, apoiados neste profundo comprometimento, reestabelecemos um equilíbrio que nos permite a realização do trabalho no local. É o que nos permite sentir, fazer, dizer, aceitar atitudes como as que este médico coloca:

No bloco posso extravasar... por isto eu grito...

brigo com um, com outro... faço aquele nuê...

*Mas... eles sabem que não é nada dirigido...
tanto é que temos um relacionamento muito
bom...é que, eu preciso extravasar. Se eu gritar
para as paredes, vão dizer que sou louco... então,
implico com um, com outro ... invento coisas...
faço brincadeiras..., grito... agito todo o mundo...
(...) As enfermeiras... elas não me dão bola...
Elas me conhecem...*

Para Michel Maffesoli, a vida trágica não funciona a partir do "dever ser", ou do "projeto", pois, ela se encontra totalmente ancorada no presente e se esgota como tal. Para ele, "o sim a vida ordenado pela consciência (ou pela quase-consciência) dos limites é um sim divino" (1984, p.89). É a sabedoria dos limites que se manifesta na vida diária, em gestos banais, onde a vida, a experiência da vida compõe uma organização que permite viver o incontornável na brutalidade ou na serenidade que se apresenta. Nietzsche, em sua "Origem da tragédia", nos mostra que o sentimento trágico da vida é antes, a aceitação da vida, do mundo onde não há o além, a redenção. Onde a medida é o próprio homem e a "lei" surge inexorável do fundo do ser na existência com outros.

A vida sempre recomeçada.

Cada cirurgia marcada, cada sala preparada, cada paciente que vem traz em si algo de inauguração, de novo, de risco sabido e obscuro que deve ser trabalhado no agora, no imediato. Estes sentimentos são amenizados pela repetitividade do gesto, da etapa, do ritual diário. A repetição é uma maneira de organização existencial que torna conhecido este novo momento, este outro paciente, esta diferente cirurgia. Na repetição temos como horizonte a constância da realidade que nos permite conhecer práticas e situações estruturadas neste lugar e que de maneira profunda dão qualidade à vida no local.

Quando preparamos as salas para as cirurgias, ou quando solitariamente escovamos as mãos, sentindo a melancolia do futuro incerto que fatalmente virá, sabemos que, por mais detalhista que sejamos, não teremos o controle das situações. A angústia do futuro próximo que teremos que enfrentar aumenta com a chegada do paciente no Centro Cirúrgico. As atividades iniciais na sala de cirurgia assumem aparências ruidosas, rápidas, de modo ríspido ou brando. De qualquer maneira expressam os sentimentos vividos. Durante o ato cirúrgico quando o passado já não pode mais ser modificado e o futuro é indisponível, as manifestações expressam a tranquilidade da desenvoltura cirúrgica, a brutalidade da falta de recursos, a celebração do imprevisível seja ele triste ou motivo de satisfação. Uma agitação maior nos momentos finais de cirurgia para num misto de euforia e alívio encaminharmos o paciente para o setor de recuperação pós-anestésica.

Agora então, pode ser comemorado a vida junto aos que vivenciaram os momentos de angústia, de extravasamento, de tensão, de euforia ou tristeza, através de brincadeiras, conversas, discussão do caso. Há até os que aproveitam para o revanchismo do "incompreensível", do "inaceitável" acontecido durante o ato cirúrgico, transformando este "espaço de celebração", onde a conversa corre solta, o cafezinho é desculpa para ficar mais um pouco, as brincadeiras surgem pelo simples prazer de estar-junto, em espaço de lamentações, cobranças e agressividades. Certamente não percebem a insensatez de tais intervenções que na melhor ou na pior hipótese, conseguem aumentar o nível de tensões no ambiente do Centro Cirúrgico.

A idéia aqui não é justificar ou defender aqueles que pressente-se serem incapazes de controlar suas emoções seja por motivos patológicos ou de educação. Mas, sobretudo, penso que se compreendermos um pouco a dinâmica do Centro Cirúrgico em suas repetições, suas etapas, seus rituais, talvez, possamos negociar para um enfrentamento mais ameno, mais solidário da vida diária. Quem sabe, se em vez de nos apegarmos ao idealismo que por comparação ao real só nos permite ver o aspecto horrível e absurdo da existência neste Centro Cirúrgico, e olharmos para a complexidade das forças a que estamos submetidos, talvez, possamos ver com maior tolerância e entusiasmo o fantástico cotidiano vivido neste lugar. Talvez, possamos compreender neste depoimento a tradução do lugar emocionalmente vivido:

Não precisamos de polícia que fique nos vigiando, controlando o que o outro vai fazer, ... isto cria um clima ruim... Lá nós somos assim, agitados... gritamos porque gostamos do Centro Cirúrgico... porque nos envolvemos com o paciente... com os funcionários... com tudo. Acho que aqueles que fazem tudo certinho, metódico, passo-a-passo, não gostam de trabalhar lá. Entram, fazem tudo certo... para se livrar de lá o mais rápido possível. Agora... aqueles que gostam... se envolvem. Na UTI, não há envolvimento com o paciente, lá ele chega e colocam em máquinas... tubos... ele fica como máquina... No Centro Cirúrgico não. Nós queremos movimento... queremos... aquela agitação... queremos... vida.

A constância destas realidades, os rituais que se repetem, todos os dias, a cada cirurgia, ou seja, a vida sempre recomeçada, guarda para si a possibilidade de criação. Os gestos, os atos, comportam em si a automação conferida pelas habilidades repetidas, pelo conhecimento do que já foi vivido aqui, e ao mesmo tempo, comportam a espontaneidade criada pela sensibilidade diante do inédito, do desconhecido, do obscuro. São estas criações que permitem a atualização do nosso conhecimento, de nossas habilidades, e que conferem o dinamismo do lugar.

A repetição sempre renovada é também, uma forma de proteção do ser humano contra a uniformização e o automatismo totalitário, algumas vezes cogitado pelos administradores, como podemos ver na fala desta supervisora ao referir se à aparência caótica do Centro Cirúrgico e seus desejos de organização:

Não é... disciplina de regime militar... Qualquer regra natural de... educação, de... um convívio social das pessoas... de um mínimo de auto disciplina no sentido de... como vou solicitar. Como vou pedir! Nem pensar em termos rígidos... em termos nenhum. Então é a coisa que eu vejo mais gritante. É a total falta de auto disciplina. Não imagino um relógio, uma máquina, tudo funcionando... como uma máquina... acho que nunca conseguiríamos.

A disciplina vista como instrumento que elimina as diferenças, as extravagâncias, os desvios, as criações, é uma característica da modernidade que busca aí, a seguridade, a certeza para um fim entendido como progresso. Muitas vezes, no desejo deste progresso, os homens interferem criticamente e até de modo perverso nesta realidade. Frequentemente as intervenções mais totalitárias levam a um aniquilamento, ao empobrecimento da vida no lugar, criando abismos que separam, a instituição dos homens, e os homens entre si.

Mas, Nietzsche nos consola quando diz que "... a vida no fundo das coisas, a despeito da variabilidade das aparências, permanece impertubavelmente poderosa e cheia de alegria". (s.d.^b p.51). É que, apesar da aparente adesão às determinações, às circulares, às portarias... aos valores oficiais; as criações minúsculas que florescem na vida cotidiana constituem-se em energias capazes de resistirem às imposições dos poderes. Para Michel Maffesoli, "... a repetição é uma proteção contra o tempo que passa, contra a angústia do devir, mas igualmente contra a projeção política desse devir, permitindo que a vida social e individual se coloque em jogo sempre de modo novo" (1984, p.82).

E para não dizerem que me falta senso de humor, trago Baudrillard quando afirma que: "não é nem a moralidade nem o sistema positivo de valores de uma sociedade que a faz progredir, mas a sua imoralidade e o seu vício" (1991, p.62).

Ab sensual sabedoria

Neste setor as atividades se desenrolam numa dinâmica que se apóia no presente. Tudo é feito no momento, no atual, no instante, pois sabemos que este é o tempo que temos. Esta ampliação do presente suscita uma atenção sensual, ou seja, "um empirismo radical que considera todas as idéias e representações, todos os juízos, todo o conhecimento, como derivados de nossa experiência sensorial por um

processo de transformação sensorial e abstração de dados sensoriais" Japiassu, (1991, p.222).

O sensualismo permite-nos "conhecer" através do toque quando percebemos a rigidez muscular, a umidade da pele, a temperatura corporal, o pulsar vital; através do olhar que pergunta, responde, acalma, solicita, observa gestos, colorações, viscosidades, movimentos; através da audição aguçada, seletiva, que capta o verbalizado, o silêncio, a intenção, o sentido, o duvidoso; através do olfato que reconhece, suspeita e diferencia; até mesmo do gosto que aprova, desaprova ou que se mantém indiferente diante de situações. Estas situações minúsculas que se mostram em aparências quase imperceptíveis ou de modo ostensivo, são significantes pois integram e expressam o estado geral do paciente, as condições para as cirurgias, o ambiente do Centro Cirúrgico. São comunicações que adquirem destacada importância, dado a precariedade de viver o agora, e mesmo não nos permitindo a certeza, a mensuração, a apreensão, se constituem em informações reais que tratamos de considerá-las. Por não serem bem delimitadas, por sua sutileza ou alteridade, são de difíceis captações pelos recursos tecnológicos ou pela razão pura, mas podem ser percebidas no intenso jogo das diferenças que se estabelece na vida coletiva.

No jogo das diferenças nos apoiamos em valores conhecidos, explicados pela ciência, isto é, em nosso conhecimento científico, no conhecimento empírico e em nossas sensações que atentam para aquilo que se insinua, se mostra, se impõe em múltiplas formas. Aqui, cada elemento da equipe encontra lugar participando da organicidade coletiva

vivida no local. É aqui que, as percepções de cada um, as exteriorizações e a valorização destas percepções, passam a fazer parte da dinâmica do Centro Cirúrgico, constituindo-se num modo de enfrentar coletivamente as adversidades naturais da vida. A exteriorização destas percepções podem se mostrar num olhar que traduz preocupação e informa que algo não está bem, no gesto rápido que mostra a urgência do momento ou, no tom de uma palavra que nos faz perceber a necessidade atual. A valorização destas expressões podem ser percebidas na reação imediata, na atitude de disponibilidade dos que estão aqui, no cessar das brincadeiras, nos movimentos rápidos dos que buscam recursos, no silêncio que invade o lugar, no esquecimento de rancores e desafetos.

Diante do desafio de uma realidade que se mostra de modo terno ou cruel, surge uma nova ordem onde valores racionais encontram-se maravilhosamente misturados às sensações, às paixões, às imagens, numa pluralidade de combinações sensuais. Uma nova ordem que nos ajuda a viver as incertezas da existência no lugar, e que tem como horizonte a preservação da vida. Segundo Maffesoli, "a sensualidade transbordante, que não podemos deixar de observar, constitui certamente uma maneira de viver coletivamente este ritmo de tempo, em que se sucedem inexoravelmente a sombra e a luz, a morte e a vida, a tensão e a distensão."(1985,p.20).

A sensualidade transbordante que desenvolvemos pode ser vista em diferentes situações de nossas vidas no lugar. Esta forma de compreensão, de comunicação, habitua-nos a uma proximidade sem pudor (moral) e até desnecessária numa primeira aparência, pois, muitas

vezes, é deslocada do puro interesse às condições gerais do paciente ou do Centro Cirúrgico, para uma multiplicidade de situações vividas em comum. O tocar-nos, o olhar-nos nos olhos, são frequentes mesmo numa conversa banal. Ainda que guardando uma certa distância, muitas vezes somos capazes de percebermo-nos pelos gestos, modo de dizer, pelo timbre da voz. Reconhecemos em cada um, o humor, a preocupação, a irritabilidade, pelas atitudes nas cenas presenciadas ou contadas por outros. Coisas que conferem uma "intimidade" ainda que relativa, mas que não deixa de ser vista pelos mais "conservadores", como atitudes não convenientes ao local de trabalho.

Baseando-se na lógica do "dever-ser", a moral determina um certo tipo de comportamento para os indivíduos em suas relações de trabalho, desconsiderando a diversidade dos lugares e os diferentes objetivos que os homens perseguem na vida diária. Sem levarmos em conta as condições de trabalho, o meio ambiente do Centro Cirúrgico em sua complexidade dinâmica, é provável que comportamentos diferentes do determinado nos pareçam "indignos". Mas, se deixarmos de lado os "valores morais" e olharmos para a vida vivida no lugar, podemos perceber que, muitas vezes, o que é visto com desprezo nos remete ao sublime vivido aqui. Partilhamos a angústia do tempo que passa, o desamparo do presente, a cumplicidade no afrontamento do destino, a sabedoria da sensualidade que percorrem, de ponta a ponta, o cotidiano vivido no Centro Cirúrgico. Isto, pode ser percebido também nestes pequenos gestos de proximidade, nestas atitudes de confiança, que em profundidade expressam a beleza, a alegria, a solidariedade vivida no lugar.

Para percebermos o encantamento do mundo, há necessidade de considerarmos a vida sobre vários aspectos, porque "essa, existe na aparência, na arte, na ilusão, na ótica, na necessidade de perspectiva e erro". Nietzsche(s.d.^b p.8). O que habitualmente fazemos, é julgar aquilo que a vida nos mostra, comparando com idéias às vezes utópicas, às vezes moralistas e redutoras. Mas, a desaprovação, as tentativas de exclusão, de uniformização, não bastam para destruir da vida cotidiana a sensualidade que floresce e sempre encontra formas de se mostrar. Para nosso gosto ou desgosto, esta pulsão irreprimível mostra a ligação entre a ordem da natureza e a realização social. Afinal de contas, a sensualidade que observamos aqui, traduz uma outra maneira de nos sentirmos, de nos dizermos, que tem origem num tempo escondido onde se dá a organização existencial do Centro Cirúrgico.

CAP. III- AS RELAÇÕES AFETUAIS

Ab cumplicidade

Neste tempo escondido, na privacidade do lugar, muitas vezes somos surpreendidos por ocorrências que surgem de forma implacável e abrupta, seja através de um sangramento intenso, uma parada cardíaca, um material que falta ou um aparelho que estraga. São manifestações da urgência que se mostram com toda a dureza da vida e das quais não podemos "fugir", fingir que não vemos, ou deixar para resolver mais tarde. Aqui experimentamos a sensação de estar sós, desamparados, jogados neste mundo, quando por um lado a vida nos impõe decisões imediatas, únicas, definitivas, obriga-nos a viver nos limites, e quando por outro lado, percebemos que o pré-determinado, o institucionalizado, as rotinas, o padronizado, o plano em si, são abstrações que nem sempre nos dão seguridade para a tomada de decisões. É quando na ironia e na

brutalidade da vida concreta, nossos ideais de recursos para o desempenho de tarefas, nossas pequenas utopias de um ambiente tranquilo, nossas ilusões de pleno êxito cirúrgico, nossos devaneios de técnicas impecáveis, cedem lugar à vida que se apresenta na miséria, no desencanto, no horror, na ameaça do fim.

Mas, o jogo está posto. Vida e morte se apresentam em sua ambivalência, em sua complementariedade. Na recusa em experimentar o gosto amargo de nossas pequenas mortes diárias (a constatação de nossos limites, de nossa impotência) ou da grande morte (a do paciente), nos entregamos a um fazer que mistura de modo extraordinariamente harmônico, conhecimentos científicos, empíricos, sensuais, intuições, audácias, habilidades e comunicações que são depositadas no próprio ato, no imediato. Uma alquimia que integra a ordem e as interações naturais da vida em ação e que mesmo sem garantias nos ajuda a prosseguir, apesar das adversidades, do risco, da violência e do sofrimento. Diante da volúpia da vida e da morte que projeta suas sombras na existência do lugar, esta alquimia é estruturadora do impulso vital que, muitas vezes, nos leva a viver acima de nossas possibilidades.

No relato desta auxiliar de enfermagem que nos fala um tanto preocupada, um tanto maravilhada, talvez... confusa, podemos reconhecer a explosão vital que surge criadora e reestruturadora da atividade no lugar:

Naquela manhã, não tinha enfermeira no turno, tinham várias cirurgias marcadas, funcionário de folga e teve cesáreas. Éramos poucos para atender tudo, mais a sala de recuperação e ainda tínhamos que lavar e preparar o material para as cirurgias da tarde. Aí a gente se preocupa, tem medo que não dê, que aconteça alguma coisa. Não sei como aconteceu... mas foi incrível... nós estávamos em todo o lado... quando alguém chamava na sala, chegava a aparecer duas ao mesmo tempo para atender... Foi uma correria mas conseguimos, nada deixou de ser realizado..., não houve tumulto, não houve grito... houve muito trânsito... isto aqui parecia "um calçadão" ...os pacientes foram assistidos e ficaram bem.... As coisas foram acontecendo e sendo resolvidas... depois quando paramos é que nos demos conta... Não sei como conseguimos... mas nada deixou de ser feito.

"A morte tem este estranho poder de suscitar a vida frenética. E onde a morte se impõe, a vida se torna descomedida. Trata-se de um equilíbrio quase intencional, que se inscreve no ciclo infundável da vida sempre renascente." Maffesoli(1985,p. 93)

É bem verdade que o frenesi, o descomedimento, frequentes neste Centro Cirúrgico devido a precariedades de recursos humanos e materiais, aliados a tantas outras motivações, mas profundamente ligados a não aceitação da morte, ao desejo da vida, pode ser visto por outros apenas em sua aparência caótica. Não faltam aqueles que, talvez, habituados a uma vida empobrecida, classifiquem este vitalismo como desregrado, imoral, irresponsável ou outros adjetivos redutores. Não percebem aí, a grandeza da vida que se impõe com toda exuberância e brilho que lhe é própria. Os mais "pretensiosos" que acreditam poder "endiretá-lo" pelos recursos administrativos; que crêem poder "discipliná-lo" pela ação dos governantes, desejam transformá-lo até à serenidade... se fosse possível... até ao aniquilamento. Os mais "puritanos" condenam-o, repelem-o por estas emoções fortes, onde paixões, sofrimentos, prazeres, conhecimentos, horror e beleza estão promiscuídos no ato mundano, numa verdadeira exaltação da vida.

"A vontade deseja violentamente a existência, e o homem identifica-se tão completamente com ela, que, até a sua lamentação se transforma numa espécie de hino à vida". Nietzsche (s.d.^b p. 31).

Lamentavelmente, a imagem do caótico, a imagem degenerada vista por estes, impede-os de perceber até mesmo o benefício para pacientes, profissionais e instituição, que tais explosões de vida proporcionam. Mas, como não se trata de um espetáculo programado para agradar ou aumentar a produção, os homens que aqui trabalham continuam a vida em seus movimentos, suas forças que os impulsionam para a vida, com seus instintos que exigem vida, envolvidos em múltiplas

paixões e compreendidos pelos que caminham lado a lado.

Nesta deambulação, no tempo inquietante, na luta contra a morte, partilhados com os que estão lado a lado, passamos a confiar mais nestes com quem vivenciamos experiências em comum e por isto, compreendem o momento precário. Nestes momentos, a produtividade, o projeto, o puritanismo, as ilusões, deixam de ser razões norteadoras de nossa existência no lugar e passamos a valorizar mais as sensibilidades, as emoções coletivas que são na realidade, o que nos ajudam no afrontamento destas e de outras situações. É a solidariedade orgânica⁵ que nasce, reunindo no ato, o diverso individual, profissional, funcional, pela emoção comum. É quando os desejos individuais, os egoísmos, as categorias a que pertencem este ou aquele, deixam de ser relevantes e a importância recai naquilo que está próximo; nestes com quem partilhamos as dificuldades diárias. Libertos destas barreiras rígidas estabelecidas formalmente ou historicamente, ultrapassamos as relações sociais, profissionais, hierárquicas e agimos pela emoção comum, em função de um fim comum. É aqui que juntos depositamos conhecimentos e paixões no ato em si, estruturando a potência do grupo para o afrontamento das adversidades num clima de partilha e confiança.

A mesma auxiliar de enfermagem que nos fala de momentos difíceis superados, nos diz também esta solidariedade:

⁵A solidariedade orgânica refere-se a um processo agregador que ultrapassa aspectos utilitaristas e funcionalistas, unindo os homens pelo afetual, pela partilha e pela ajuda mútua.

Bem... medo a gente sempre tem... mas, também sempre pensa que vai dar. Quando nós percebemos dificuldades, nós explicamos a situação: "olha está assim..., estamos com pacientes na recuperação.. ou... estamos com pouco material..., tem funcionários de folga"... Eles (médicos residentes) brincam conosco: "tá, vamos lá, nós confiamos em vocês. Sabemos que são funcionários eficientes. Tudo vai funcionar". E começam a fazer. Aí, eles se "comportam", colaboram, ajudam a tirar coisas das salas... levam coisas... até na sala de recuperação eles ficam e cuidam "direitinho" dos pacientes. Até o pessoal da limpeza é prestativo... nos ajudam a retirar o paciente da mesa de cirurgia... ajudam no transporte. Todos ajudam.

Sobre este movimento criador de partilhas e confianças, Maffesoli diz que: "no momento em que o progresso não é mais considerado um imperativo categórico, a existência social é então devolvida a si mesmo.. e quando... o mundo se volta para si próprio, quando ele vale por si mesmo, é que se acentua aquilo que me liga ao outro... O mundo devolvido a si mesmo, vai confiar muito mais na potência intrínseca que o constitui". (jul/1989, p.32).

A partilha, a confiança, a auto valorização do grupo, eventualmente desgosta aqueles que veneram a ordem mecânica, as relações "estritamente" profissionais, a humildade (entendida como passividade) e querem impô-las como "fórmulas" para atingir o progresso ou a vida mais feliz neste lugar. Não percebem que aquelas, anunciam um outro tipo de harmonia estruturada no desejo de vida, na emoção comum e na solidariedade orgânica. Uma harmonia exaltada por Nietzsche em sua visão ímpar da vida: "O homem ao lado do próximo, reconciliado, fundido, mas idêntico a si próprio, diviniza-se e por isso sua atitude é tão nobre. O homem deixa de ser artista para ser obra de arte". (s.d.^b p. 24).

Errâncias e liberdades

Nas circunstâncias vividas intensamente pelos que trabalham no local, nas situações inquietantes, no frenesi da vida descomedida, não raro, deixamos de realizar aquilo para o qual fomos preparados, que acreditamos, deixamos de lado convenções, transgredimos normas, desrespeitamos princípios. Isto não se dá sem sofrimento de forum íntimo, porém, entre a vida necessária agora, a prática possível no instante e as nossas intenções de vida correta, nosso "sagrado" individual (seja a ciência, a moral, a fé, o justo...), optamos por aquilo que a experiência do vivido nos aponta como primordial. Deixamos os interesses formais, individuais, institucionais, para privilegiar a vida do paciente e os sentimentos que ela nos suscita.

Atitudes, muitas vezes, qualificadas de imorais ou "anti-éticas" que, na verdade, são fundadas em outro código, estruturado na necessidade que surge aqui, na confiança nestes com quem partilhamos dificuldades e nos ajudam na resolução dos problemas. Diante da vida que se apresenta em excesso de crueldade, estrutura-se uma nova ética que ultrapassa as relações sociais e privilegia o próximo, o concreto, os sentimentos coletivos. Uma ética não pré-determinada, não formalizável, não regimental, que se expressa nas relações comuns da prática diária, que tem como compromisso a preservação do conjunto e por isto mesmo determina a cumplicidade exercida no lugar.

Este outro "código de ética", pontual, é insinuado no dito e no não dito por esta auxiliar de enfermagem:

Às vezes a gente percebe alguma coisa... se é do tipo... por exemplo... contaminou alguma coisa, nós falamos e aí eles trocam tudo, nos ouvem, não se importam em trocar. Agora outras coisas... que aconteçam... nós percebemos, nós nos olhamos... eles olham para nós... eles sabem que nós sabemos, mas nós temos muita coisa para ficar fazendo e então a gente nem olha... não fica sabendo exatamente o que aconteceu ... Muitas vezes eles comentam coisas... ou, pelo jeito de pedir... ou, o que pedem diferente do

esperado... Então, a gente sabe... Nós sabemos as dificuldades todas que acontece... mas não ficamos olhando lá... assim não.

Muitas vezes, este novo código se apresenta na forma do que Maffesoli chama de "imoralismo ético", onde a sua função protetora é responsável pela continuidade do conjunto, como pode ser observado em outro trecho deste depoimento:

Mas... às vezes, acontecem coisas como... o anestesista nos olha. Nós vamos lá. Ele nos faz um sinal. Pela medicação que quer que seja preparada, nós sabemos que não está tudo bem. Olhamos para o paciente e percebemos... o anestesista nos olha e confirma. E nós vamos fazendo o que tem que ser feito. Tudo escondido... é para o cirurgião não ver... porque senão... ele se preocupa... fica ansioso... principalmente se for o... ou, o... eles são muito inseguros... e deixam todo mundo tenso. Assim não. Nós resolvemos e... às vezes, acho... que eles nem ficam sabendo.

"Tudo isto exprime um potente relativismo popular que 'sabe' que há pulsões irreprimíveis e que no final das contas elas concorrem direta

ou indiretamente para o bem estar-global". Maffesoli (1985 p.26).

O código de ética, a cumplicidade, os segredos partilhados e protegidos, dão sinais de que, aqui, a ética é dificilmente determinada, formalizável, pois na vida plena, diante da responsabilidade que temos com o conjunto, pouco importa-nos o instituído ou o moral. Este distanciamento com o formal, ressalta diferenças, e contradições vividas no lugar que podem ser percebidas como inexplicáveis, "inaceitáveis", já que surgem a revelia dos poderes.

Recordo que um colega, pegando o livro "O tempo das tribos" de Michel Maffesoli, perguntou-me por que eu o lia, e ao ouvir a resposta sem rodeios: para compreender o Centro Cirúrgico, imediatamente começou a falar de suas percepções e lembranças:

Realmente, parecem uns índios. Outro dia eu presenciei uma cena incrível e fiquei olhando.... Nós estávamos em cirurgia e estava um silêncio... sabe aquele silêncio? ...mas não estava acontecendo nada anormal... a cirurgia estava ocorrendo bem... só aquele silêncio... que chega a ser pesado. Aí entrou uma mosca na sala e foi incrível! Os funcionários corriam em torno da mesa de cirurgia, atrás da mosca. Os que estavam em campo operatório, gritavam: Aqui! Ali! Ela está lá! Todo mundo se envolveu... eu

fiquei olhando... é pareciam uns índios. Até que conseguiram matar a mosca e voltaram ao trabalho... É depois eles conversavam... já não tinha mais o silêncio.

Nada de ideologia, nada de ética formal, nada de produção. Situações como esta, aparentemente sem sentido, estruturadas de modo quase instintivo, são arranjos precários de eficácia momentânea que reúnem na diversidade, sensualismos, impulsos e compromissos para exorcizar daqui, aquilo que põe em risco o bem estar do conjunto. A existência no lugar é uma obra coletiva que, às vezes, se exprime assim, de modo único, engraçado, imoderado; terrível dirão outros, mas que, surgem das situações atuais que precisam ser geridas. Diante do silêncio na sala de cirurgia, os trabalhadores superam a si próprio e estruturam uma "libertinagem" coletiva que reúne suavidade e descomedimento para o afrontamento do inquietante. Situação que esgota-se no próprio ato, plena de sentido e capaz de devolver a harmonia ao lugar.

Na gestão da vida que se apresenta, muitas vezes, joga-se com sensualidade e astúcia na negociação de problemas intransponíveis que não podem ser de fato eliminados, mas, que precisam ser acomodados. Neste lugar, é conhecido a personalidade de "difícil trato" de alguns, e que por isto mesmo, podem trazer doses a mais de aflições e dificuldades. Muitos tentaram, em vão, a exclusão ou a domesticação de "certos costumes" indesejáveis. Com imensa generosidade e com a sabedoria de que, estas dificuldades não são de soluções simplesmente

racionais, uma enfermeira percebe as situações deste modo:

Muitas vezes sou mediadora. Não deixo que o relacionamento entre funcionários e médicos se estraguem. Mostro para os funcionários as carências, as dificuldades, as ansiedades que os médicos têm. Faço o mesmo em relação aos funcionários para os médicos. É um jogo que me diverte e funciona. O pessoal consegue gostar até do..., eles compreendem e têm paciência até com a... Com jeito, bom humor, nós conseguimos coisas...

Diante da hostilidade e da aspereza dos relacionamentos, usamos da duplicidade de papéis para negociar a situação. Admitimos o heterogêneo presente no lugar e abrigamos informações deste e daquele. Elaboramos táticas para aproximar os adversários e pela pluralidade dos afetos enfrentamos o problema intransponível. Fazemos do jogo, um modo de resistência eficaz na manutenção do contraditório e do harmônico no local. Sem deixarmos levar por questões morais, nos alegamos com o equilíbrio mais ou menos conseguido. O conjunto é protegido e pouco importa se os meios são contestáveis. Para aquilo que a ciência ou os poderes são impotentes, usamos de desvios cujo único sentido é viver bem coletivamente.

Na tentativa de ordenar, limpar, o que alguns consideravam feio, improdutivo e conturbante - o lanche realizado num corredor do Centro Cirúrgico (não havia área destinada a isto) - foi imposta uma nova lei que proibia o café no local, tendo os funcionários que deslocarem-se, um de cada vez, ao refeitório do Hospital Universitário. Isto, com justificativas que iam do aumento da contaminação, da falta de privacidade do funcionário durante a alimentação até, e talvez, a mais almejada "chacrinha" que se instalava nestes momentos. Uma lei racional e profundamente insensível às necessidades locais.

Diante da brutalidade da vida diária, diante do sofrimento daquele que cuidamos e da estranheza de relacionamentos, muitas vezes temos que ser duros, temos que conter nossos sentimentos para dar continuidade ao trabalho no local e, nesta forma de afrontamento das angústias, nos isolamos, embrutecemos também. A reunião na hora do lanche, devolve-nos a hospitalidade necessária à vida em comum. É um momento de partilhas que põe em exercício as liberdades coletivas, através das brincadeiras, das anedotas, da circulação das palavras, do riso. Nestes momentos, a comunhão, a discriminação e a força agregativa do grupo são ressaltadas permitindo a este, o reconhecimento de si. Deste reconhecimento é que surgem as liberdades que permitem a expressão do querer viver este lugar e as estruturações eficazes contra a necessidade e a adversidade. Ironicamente, o que os administradores pretendem excluir daqui, é um conservatório do querer viver-junto, capaz de estruturar e reestruturar a eficácia desta potência fundamental na vida que se vive aqui.

O café tomado coletivamente é a "chacrinha" necessária na reestruturação diária e que por isto mesmo é desejada. Certas leis tornam a transgressão uma conseqüência, instauram a "necessidade de violar regras" e conduzem à união do grupo para a luta contra a imposição. Neste caso, como forma de afrontamento desta situação adversa, estruturou-se momentos privilegiados por sua singularidade, num jogo quase teatral: os funcionários revezavam-se na ocupação de um armário, onde uma prateleira servia de mesa para o café, e as portas abertas serviam para resguardá-lo dos vigilantes. Elaboraram um jogo sutil de mostrar e esconder, num estilo de "gente preocupada e responsável" ao ponto de não poder sair do local, um toque de "resignação" dos humildes e um armário velho de fundo. Nem a enfermeira chefe, conhecida por sua dureza, resistiu. A princípio fingia não ver... tornou-se cúmplice... e depois... tudo voltou a ser como antes.

A transgressão inspirada nesta situação nos diz o drama da crueldade, a luta de paixões e um saber viver mais eficaz do que o ataque frontal, e a oposição oficial. Mostra-nos que no espetáculo, na encenação, os trabalhadores se unem e encontram meios mais ou menos ocultos, mais ou menos aparentes, mais ou menos doces e até perversos para conseguir reestabelecer o equilíbrio necessário na vida diária. Mostra uma misteriosa correspondência, uma "inconsciência coletiva" que nos une aos outros e sabe que, aquilo que constitui a vida no lugar, ou seja, a partilha, a troca de afetos, não podem ser abafadas ou eliminadas.

De vários modos, a existência no lugar destaca a ineficácia das ideologias, das imposições racionalizadoras que deixam escapar um

mundo passional. Um mundo que supera as ordens rígidas da razão, feito de banalidades com significados importantes, onde os sentimentos reafirmam sua eficácia na vida cotidiana. De vários modos, uma multiplicidade de atitudes e situações consideradas aberrantes pela moral e "pelos bons costumes" percorrem a vida no lugar. Do "imoralismo ético" às imoderações, dos jogos elaborados às transgressões encenadas, percebem-se os desvios, as libertinagens, o orgiástico, a licenciosidade que inserem-se na vida diária. Para Maffesoli, "a socialidade não funciona com base num moralismo estreito, isto é, com base no que chamamos a lógica do 'dever-ser'. Esta lógica tende a impor sua ordem e, em certos períodos, ela chega mesmo a conseguir isto - mas sempre imperfeitamente". (1985,p.165).

Ao lado do moralismo, dos regulamentos, das tiranias, da imposição sempre imperfeita, nunca conseguida em sua totalidade, irrompem-se práticas licenciosas. Estruturações quase intencionais que reestabelecem o equilíbrio se manifestam na desordem e na harmonia, e que podem constituir uma forma profundamente ética de viver o coletivo. Ao contrário dos que vêem o grupo local como decorrente de agregações profissionais para o trabalho cirúrgico, este, pode ser visto como efeito de interações e reversibilidades permanentes onde o diverso, as diferenças, o contraditório, o aparentemente sem sentido são admitidos. Pela pluralidade dos afetos, pela desordem das paixões vividas aqui, o imaginário, o lúdico, encontram formas de expressão que ultrapassam a moral, reforçam o laço ético e conferem o brilho, a turbulência e o fascínio do lugar.

Paixão e ódio

Estas errâncias e liberdades fazem do conjunto, um substrato harmônico onde todos se mostram e, neste dizer coletivo, expressam sentimentos profundamente enraizados no cotidiano do Centro Cirúrgico. O lugar configurado como um meio natural, liga sentimentos e imagens comuns onde nos reconhecemos e reafirmamos nossa maneira de ser sejam elas aprovadas ou não pela instituição. As emoções vividas aqui, surgem das relações "quentes", do contato, da proximidade, da solidariedade, e exprime-se neste vitalismo próprio que muitos administradores pretendem regular ou gerir porque entendem que, este, perturba as atividades de comando e de controle. Porém, este vitalismo, harmonicamente ligado ao Centro Cirúrgico, surge espontâneo, às vezes, de modo quase inconsciente, e expressa, também, uma responsabilidade bem mais concreta que é a de proteção do lugar em que vivemos afetos e paixões. O equilíbrio mais ou menos conseguido aqui é necessário ao conjunto em suas atividades diárias e faz do lugar um abrigo na desordem, no desamparo, na vida sempre recomeçada, na errância e na liberdade. As intervenções ameaçadoras deste equilíbrio com tentativas de reprimir este vitalismo provocam situações de toda ordem e até cruéis, cujo sentido é a perdurância do lugar emocionalmente vivido. O desejo do abrigo e do equilíbrio pode ser percebido na fala e na cena relatada por um colega profundamente incomodado com a troca das enfermeiras:

Aqui as coisas mudam muito, não são confiáveis. Não em relação ao pessoal de enfermagem... que estas... fazem direito o que tem que fazer. Agora trocaram tudo... mudaram as "gurias" de unidade. Por que isto? Por que mexer com o que está bem? É assim que funciona aqui no S. U. e é isto que eu não gosto. Quando a gente pensa que agora sim está tudo certo... eles dão uma virada. A gente fica perdido...

Ah! a gente faz coisas..., não, não de errado. Mas... ficamos olhando e nos divertimos. Teve um lá (médico) que pediu um instrumento pelo nome correto... ele sabia que ela não sabia... ninguém falou... ficou todo mundo só esperando para ver. Quando ela trouxe o quê trouxe, foi engraçado... Ah! ela quer que a gente diga como são as coisas; eu não digo... algumas coisas eu até posso falar ... mas ela tem que estudar.. Ela pergunta ...é claro que... bom, tu sabes como são os caras... a gente se diverte...

Na crueldade e no deboche, o grupo encontrou uma maneira de

dizer coletivamente a insatisfação com o que representa, ainda que momentaneamente, o estranho, o não confiável, a desestabilização impostas ao lugar. O grupo se expressa e o estranho é obrigado a se definir em relação a este. Ou se integra ou recusa o Centro Cirúrgico. O importante é restabelecer o equilíbrio no lugar e a preservação da confiança nestes com quem partilhamos a vida diária. Usa-se até a intransigência na tentativa de eliminar daqui o que pode pôr em risco a solidariedade conseguida na dureza da vida.

No desamparo inerente às atividades no lugar, o próximo, o confiável, é centro de uma ordem que tem lógica própria onde, cada um, tem papel importante a desempenhar. Juntos, estruturamos, também, momentos sublimes como o que esta enfermeira conta ao falar sobre a morte do paciente no Centro Cirúrgico:

Quando ela morreu ficou um silêncio muito grande... e o sentimento que experimentamos foi um grande vazio... depois... o anestesista saiu, o cirurgião foi conversar com a família... os funcionários foram saindo... depois vieram outros funcionários e começaram a cuidar do corpo... parece que... cada um pensava na sua própria morte... não havia chances...mas nós tínhamos... não sei se esperanças... acho que ilusões e... ficou o vazio.

Alguns perceberão aí, a indignidade do abandono, o desrespeito na rejeição do corpo, a frieza diante da morte. Para Nietzsche " a morte produz uma impressão universal e profunda de vazio monstruoso, por isto, deixar a vida sem custo parece ser privilégio de certas naturezas favorecidas".(s.d.^bp.71). Esta situação feita de silêncio, repulsa, afastamento, nos mostra o homem vivendo, quase intencionalmente, o ódio da morte e deixa escapar uma negociação empática, um pacto velado para trabalhar o insuportável. Aqueles que estiveram na sala de cirurgia, que lutaram juntos pela vida, são poupados do preparo do corpo e de enfrentar a imagem concreta e simbólica do fim, da morte das ilusões e esperanças. Pelo conhecimento do vivido, da crueldade, do ódio e da violência, outros assumem o trabalho crucial, expressando a generosidade e a solidariedade presentes no ato.

Estas situações e expressões tornam o lugar cada vez mais importante na vida cotidiana. Não se trata de ver o Centro Cirúrgico como um "mundo encantado" onde anjos ou heróis vivem a mais completa felicidade. Mas, de mostrar um lugar onde os homens estão inseridos, fazendo parte, estruturando a força do grupo local e na reversibilidade, sofrendo as forças desta comunidade. Um lugar com atividades intensamente vividas, com vitalidade própria, com força específica, que une os homens pelos sentimentos comuns e os faz livres para a expressão destes sentimentos. Trata-se de mostrar uma sociedade centralizada neste meio natural onde os homens relacionam-se não apenas pela intencionalidade ou por amores individuais, mas, pela

proximidade, pela partilha, por vivenciarem juntos, decepções e esperanças, paixões e ódios.

Longe de serem serenas e tranqüilas, as relações que surgem no lugar tem o aspecto cruel do efêmero, pois, apóiam-se em contatos rápidos, em organizações e movimentos cambiantes que se esgotam no ato e que podem ser intensas, sublimes ou estressantes conforme as pessoas e o momento. O investimento afetivo, passional com seu aspecto ambíguo, provoca dilaceramentos, adesões e conflitos de toda a ordem, produzem relações frágeis, sempre ameaçadas, mas que não deixam de ser referência para a solidariedade estruturada no local. Aspectos que conferem à aparente instabilidade do lugar, mas, por admitirem a diversidade, o contraditório, o adverso é que os homens conseguem um certo equilíbrio na vivência diária.

Para Maffesoli, "Essa heterogeneidade, esse aspecto contraditório, não são mais aquilo sobre o que a história pode agir, especialmente através da ação política, mas aquilo com o que é necessário negociar e, a mal ou a bem, entrar em acordo."(1987, p. 174).

O cotidiano vivido no lugar, menos determinado pela moral e pela produção, mostra uma vida diária frágil, incerta, imperfeita, que não se deixa apreender, e que ultrapassa as relações individuais. Um viver que escapa aos mecanismos aniquilantes, às tentativas de uniformização, ao totalitarismo; que se agita, resiste e mostra a vida indestrutível de todas as formas. Uma vida fundamentalmente movida por afetos e paixões e que pode ser percebida na poesia simples do viver diário.

PARTE III

RETOMANDO E FAZENDO CONSIDERAÇÕES

O elemento popular "sente", mas nem sempre compreende; o elemento intelectual "sabe" mas nem sempre compreende e muito menos "sente". (...) O erro do intelectual consiste em acreditar que se possa "saber" sem compreender e, principalmente sem sentir e estar apaixonado.

(A. Gramsci).

Considerações

Estes pequenos nada, esta vida vista como sem qualidade, de atos menores que me propus a analisar, têm a importância daquilo que, querendo ou não, modifica uma prática, redireciona, reestrutura a vida diária no Centro Cirúrgico. Se todo trabalho científico nasce de um impulso, de uma emoção, de uma paixão, aquele que o faz, em realidade, expõe de si o individual, o privado. Por isto, estou certa que muitos serão os questionamentos que terei que aceitar, as críticas que terei que suportar, ainda que se coloquem fora do propósito que persegui durante a realização desta dissertação. Há de se entender que alguns dirijam seus olhares justamente para o autor e não para a obra ou para a realidade que descreve, pois, é costume de muitos, a especulação das intimidades e os julgamentos a " priori".

No entanto, quero deixar claro que não se trata de um despreendimento do ser em prol daqueles que trabalham neste lugar, que não pretendo os louros que a atividade caritativa pode arrecadar e que não se trata também de devaneios ou delírios da paixão, ainda que estes

se façam necessários. Estão aí os trabalhadores no Centro Cirúrgico para dizer o cotidiano que descrevo. Mais do que isto, este trabalho tem origem no desencanto com práticas, pré-determinadas, normatizadas, padronizadas, que na maioria das vezes, nos coloca num mundo de obediências onde o questionamento é considerado inconveniência, onde nossa liberdade criativa é tolhida, pois, o dever-ser indica para o pré-estabelecido e a expressão mais profunda do ser é sufocada pela lei vigente. Tem origem, também, no encantamento com a dinâmica do lugar, no desejo de poder vivê-lo plenamente, no querer este lugar, diferente do inexistente idealizado, e igual ao que é .

Este misto de encanto e desencanto sentido por mim encontrou ressonância e se expressa no corpo coletivo, na revolta pontual, nas brincadeiras, na passividade da recepção das normas e ao mesmo tempo na não aderência a elas. No desejo do acerto e na transgressão provocativa. Na não aceitação e na permanência da vida no lugar, nas lamentações desejosas de transformar este lugar em algo diferente, no apego e na continuidade do que é.

A manifestação de sentimentos contraditórios pode ser incompreensível quando desejamos a vida mais explicável, mais justificável, mais aceitável moralmente. Para aqueles que buscam certezas, a não compreensão desta dualidade gera conflitos que, muitas vezes, são percebidos por si e pelos outros como fragilidades ou deficiências individuais. Nestes momentos, o homem precisa ser forte para, suspeitando de si e dos outros, aproximar-se daqueles com quem vivencia a vida diária, expondo-se, deixando-se levar pela emoção do

outro e sair fortalecido pela experiência da vida feliz ou infeliz, mas que pela partilha pode nos mostrar que aquele, vivencia conflitos tão semelhantes, que o sentido, já não pode mais ser tomado como privado.

O impulso para o coletivo é que justifica a ciência e ela só é digna quando existir para o bem do outro. Lamentavelmente, ao longo dos tempos, os homens invertem valores de vida, tentam justificar a ciência pela ciência e corremos riscos de, ao nos propormos realizar um trabalho científico que ressalte a beleza da vida, o prazer de viver com o outro, sermos vistos como bondosos ao estilo cristão (compadecidos com os menos favorecidos). Justamente por não ver o trabalhador no Centro Cirúrgico como um desfavorecido, mas por vê-lo pleno de vigor, de paixão e de superabundância de vida é que busco compreender este lugar.

A compreensão exige conhecimento, que é sempre inacabado, e sensibilidade para as situações que se apresentam, por isto, é também momentânea. Saber que sabemos pouco, que não compreendemos, são estímulos que nos impulsionam para a ciência e para a vida. Muitas vezes, cumpre-nos até a desconstrução de saberes, a transmutação de valores, a profanação de sagrados, a fragilização emocional para chegar mais perto do objeto de estudos. Tarefa sinuosa, que pretende estar a par com a vida, feita de impossibilidades, de surpresas, de descobertas, de decepções, depressões, euforias, convívios, isolamentos, paixões partilhadas e rejeitadas. Mas, é a própria vida percebida na plenitude de suas contradições, de suas diferenças, do inexplicável, do incompreensível, que se faz atraente, se faz encanto e pesquisável.

Na pretensão de seguir junto com a vida diária, este trabalho adquire uma escrita que pode ser percebida como complexa, banal, densa, poética, ruidosa, inapreensível e até mesmo incompreensível, porém, não é outro o desejo deste que escreve, senão o de provocar sensações diversas. É que não se trata de um projeto que propõe mudanças no organograma, reformas de planta física, reestruturação de serviços ou outras transformações. Trata-se de uma tentativa, admito pretenciosa, de levantar suspeitas sobre práticas desencantadas, ineficientes que executamos diariamente tendo como objetivos um fim nunca alcançado, um produto nunca satisfatório e que por isto mesmo passa a ser desacreditada. A tônica não recai sobre a técnica em si, pois admiráveis pessoas dedicam-se com sucesso à pesquisa, à atualização e à execução de técnicas necessárias ao cuidado do paciente cirúrgico e, assim, me faço livre para "outros vôos".

Acentuo a visualização sombria que temos tido do cotidiano vivido e que reflete-se nas práticas de uma forma geral, e também nas práticas diárias do Centro Cirúrgico. Como profissional da área de saúde, preocupava-me, a princípio, o desgaste, o nível de saturação, de tensão, do Enfermeiro. Preocupou-me, depois, o ser de forma geral e em especial os trabalhadores e pacientes no Centro Cirúrgico, pois, entendo que a dinâmica do lugar, fundada na precariedade do tempo, no afrontamento da vida trágica, pode colocar em prejuízo a assistência, se estivermos sujeitos à emoções frias ou à hipo-emoções. O ressentimento, o desencanto, a melancolia, conduz os homens ao aniquilamento, à passividade. E me parece ser esta a prática de tantos. Talvez, preparem caminhos mais fáceis para suas intervenções...E me perguntei tantas

vezes como seria possível e a quem serviria a assistência ao paciente cirúrgico, por trabalhadores autômatos, desgostosos com a própria prática, restringidos na sua potencialidade de criação, na liberação e troca de emoções.

A vida na interioridade do lugar se apresenta com toda agressividade e delicadeza que comporta, tocando nossas emoções, nossos sentidos e este erotismo estimula a potência criativa do grupo local. Como poderíamos ser deste lugar e, ao mesmo tempo, não expressarmos o sentido, o vivido aí? Como poderíamos ser tocados de modo profundo pela precariedade do tempo e reagir indiferentemente? Como poderíamos não clamar por condições diante da miséria e do desamparo? Como poderíamos abandonar a vida diante do fantasma da morte? Como poderíamos não celebrar a vida depois de tanto lutar por ela? Para muitos, estas reações são até passíveis de compreensão, porém, o modo como se manifestam são inaceitáveis. Eu pergunto a estes: como reduzir todo sentimento intensamente experimentado, em manifestação aceitável, se estamos falando de vida e morte, amor e ódio, simplicidade e complexidade, previsibilidade e fantástico vividos no cotidiano? Tornar aceitável... Talvez esteja aqui um grande equívoco. A vida plena não pede licença aos "detentores da verdade", aos "ditadores da ordem" ou aos "controladores da moral". Ela não precisa de aprovação ou aceitação até porque se faz antes de nossas análises, críticas ou julgamentos.

Triste equívoco que nos confunde e nos faz acreditar que a vida plena se submete a tiranias, ao nosso desejo, ao nosso ideal. Por

acreditar que podemos transformar o mundo à nossa vontade, muitas vezes, perseguimos ilusões, utopias vãs. Preferimo-as a aceitar a vida que se apresenta. Intervimos com nossos instrumentos aniquilantes, seja o moralismo, o criticismo, os mecanismos disciplinares, na busca do inexistente. Buscamos a sociedade ideal, de convívio estéril, silencioso, de trocas formais, de pensamentos monolíticos, de construções úteis, comportamentos padronizados, de produção com qualidade e... de homens sem qualidade "aceitáveis" socialmente.

Triste equívoco, o de não ver que o homem deseja e necessita viver suas diferenças, suas alteridades, suas identificações que nos garantem as trocas e que nos impulsiona para o viver junto. Que o homem antes de tudo, necessita e deseja ser livre para as suas ações, seu potencial criativo, para o apego à vida e para o respeito à vida. O respeito à vida, que tantos tomam para si como se fossem "os únicos virtuosos", e de modo benevolente, se possível notório, pregam aos outros, tem origem no apego à vida e são eles o próprio instinto de conservação. Do instinto de conservação forte surgem criações exuberantes, muitas vezes inacreditáveis, incompreensíveis e até "inaceitáveis", surgem, também, as criações minúsculas, banais, simples, sutis, que juntas, formam o cotidiano pleno de possibilidades. A vida em todas as cores e brilhos que me propus focar no Centro Cirúrgico.

Busquei visualizar o cotidiano do Centro Cirúrgico em sua vitalidade, em seu caótico, em seu contraditório, no conflito e na harmonia. Propus-me a mostrar uma aparência que está mais abaixo desta primeira, centralizada no interior do Centro Cirúrgico onde os

indivíduos por bem ou por mal, acabam se organizando para o afrontamento diário. Tentei ressaltar fragmentos da microdinâmica formada a partir de um "ethos" que surge no interior deste lugar, na proximidade com o outro, porque acredito que a compreensão seja uma forma de conhecimento que auxilia a chegar mais próximo da realidade, admitindo suas possibilidades e suas impossibilidades.

Penso ser um equívoco que, a pretexto de buscar uma organização menos conflitiva, menos conturbada, os administradores venham agir tentando sufocar a expressão deste coletivo. Acho mais prudente ouvir, ver-com, compreender esta microdinâmica e juntos buscar formas alternativas para amenizar as dificuldades diárias. As condições de trabalho, numa pluralidade de deficiências mínimas que sejam, vêm interferir brutalmente neste coletivo na medida que, muitas vezes, oferece pouca estabilidade e segurança para esta prática imediata, que já traz em si a precariedade do presente. A acentuação destas deficiências intensificam as ansiedades que vêm se exteriorizar, às vezes, de forma exacerbada, ruidosa, através de brigas, reclamações ou de forma silenciosa pelo não agendamento e suspensão de cirurgias, ou, ainda pela tensão interna (a meu ver mais desastrosa tanto para o paciente quanto para os próprios indivíduos). Sentimentos e formas de expressar, que somados a outras tantas surgidas deste viver o presente, o próximo, o concreto, dão a aparência desordenada, caótica, conflitiva deste Centro Cirúrgico e que queiramos ou não, são valores simbólicos profundamente enraizados que não podem ser arbitrariamente eliminados.

A enfermeira em seu turno diário de trabalho, partilha este espaço-tempo com diferentes indivíduos. Vivencia o sofrimento diante da instituição pela precariedade da infra-estrutura, diante de si pela possibilidade, sempre presente, de morte do paciente e diante dos conflitos de outros trabalhadores no enfrentamento da morte iminente. Muitas vezes, vivencia, ainda, o sofrimento diante daqueles que pretendem dela a competência para, num "passe de mágica", talvez, transformar este vivido originado no interior da realidade local, numa ritualização ornamental, que satisfaça as formalidades vigentes.

Parece-me que as reestruturações, as reorganizações, no nível teórico ou ilusório que tem sido pretendida neste lugar, são fundadas, basicamente, na troca de enfermeiros. Decisões um tanto desprovida de racionalidade! Será ela o mito da salvação ou da desgraça? Penso que não existam argumentos científicos que embasem excluir deste Centro Cirúrgico pessoas com vivências, com histórias de vida e apego ao lugar. Imagino não haver psicologia que proponha incluir neste setor, tão particular, pessoas que o rejeitam. Não em nome da ciência. A ciência não pode ser falseada de modo tão grosseiro. Admitamos, invertamos valores.

Aqui, termino este trabalho inacabado que não desejou um resultado finalizado, um produto para manipulação de trabalhadores, ou um projeto de transformação do Centro Cirúrgico. Um trabalho que é, antes de tudo, uma tentativa de compreender e comunicar a beleza, a paixão, a solidariedade existente junto ao injusto, ao grotesco, ao precário, no cotidiano deste lugar. Um trabalho que está por se fazer na

esperança de vir a ser: motivo de reflexão, indicativo para interpretações, estímulo para a prática mais feliz junto-com quem dividimos a vida diária.- Uma esperança ou, talvez... uma utopia!

BIBLIOGRAFIA

Toda obra científica "acabada" não possui outro sentido senão o de provocar novas "interrogações": ela clama por ser "superada", por enriquecer. Aquela que deseja servir à ciência deve resignar-se a tal sorte. (Max Weber).

ALMEIDA, Fernando J. *É proibido proibir: Sartre*. São Paulo: FTD, 1988.

ALVES, Rubem. *Política dos gestos poéticos: Gandhi*. 1 ed São Paulo: Editora EPU, 1991.

ALVIN, Tofler. *A Terceira onda*. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

BAUDRILLARD, Jean. *América*. João Azevedo. Viseu, Portugal: Ensaio, 1989.

_____. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 86 p.

_____. *As Estratégias Fatais*. 1. ed. Lisboa, Portugal: Editora Estampa, 1991.

_____. *A transparência do mal*. 2 ed. Rio de Janeiro: 1992.

_____. *Cool Memories*. 1980-85. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1992.

_____. *Da sedução*. 2 ed. Campinas: Papyrus, 1992.

_____. *O Sistema dos Objetos*. São Paulo: Editora Perspectivas. 1993.

CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: Introdução do contemporâneo*. 2.ed. São Paulo:Loyola,1993. 229p.

CRESPI, Franco. Os riscos do cotidiano. *Cahiers Internationaux de Sociologie*. (LXXLV): p.39- 45. mimeo.

DÂMASO, Romualdo. Curso e Discurso com a enfermagem:contribuição socianalítica. *Revista de Enfermagem*. Rio de Janeiro: UERJ, Ed. Cultura Médica, (3): p. 101.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, s. d.

DERRIDA, Jacques. *Paixões*. Campinas:Papirus, 1995. 62 p.

DOSSE, François. *História do Estruturalismo*. São Paulo: Editora Ensaio, 1993. V.I.

FERRAZ, Maria Cristina Franco.*Nietzsche, o bufão dos deuses*.Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. 201p.

GELAIN, Ivo. *O significado do "êthos" e da consciência ética do enfermeiro em suas relações de trabalho*. São Paulo: Escola de Enfermagem da USP, 1991 Tese de Doutorado.

GOMES, Roberto. *Crítica da razão tupiniquim*. 10. ed. São Paulo: FTD S.A., 1990. 120 p.

KURCGHANT, Pauline. *Administração em enfermagem*. 1. ed. São Paulo, EPU, 1991.

JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

JAVEAU, C. O paradigma do ator e a sociologia da vida quotidiana: ampliação do campo sociológico ou redução do terceiro estágio omteano? *Rev. Fac. Educ.* São Paulo, 12 (1/2).325-353, jan/ jul., 1986.

MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. *A contemplação do mundo*. 1. ed. Porto alegre: Artes e ofícios, 1995. 168 p.

_____. *A sombra de dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. 1.ed. Rio de Janeiro: Graal Ltda, 1985. 177p.

_____. A superação do indivíduo. *Rev. Fac. Educ.* (v. 12) n.1/2: p.325 - 353, 1986.

_____. *Dinâmica da violência*. São Paulo: Ed. Revista dos tribunais, 1987. 159p.

_____. *O conhecimento do cotidiano: para uma sociologia da compreensão*. Lisboa: Vega, s.d.^a

_____. O poder dos espaços de celebração. *Rev. Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, (n.116): p.59-70, jan-Mar/1994.

_____. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense:Universitária, 1987. 232p.

_____. Ética pós-moderna. *Rev. Fac. Educ.* São Paulo, (v.17): p.194, Jan/dez 1991.

_____. O fim do ideal democrático. *Folha de São Paulo*. São Paulo, Março/1995, p.6, 3c.

_____. Sociedades Complexas e saber orgânico. *Rev. Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, (n.108): p.49-60, Jan-Mar/1992.

_____. Sociologia do cotidiano. *Educ. Rev.* Belo Horizonte, (n.9): p.32 - 35, jul/1989.

MARC, Augé. *Não-Lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

MARTINS, C.R. e RAMOS, F.R.S. *Banal sim... desencantado não: cotidiano - a sátira*. Florianópolis: UFSC, s.d.

MORIN, Edgar et ali. *A decadência do futuro e a construção do presente*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.

MOTTA, Maria da Graça C.; Luz, Anna M.H.; REZENDE, Ana L. M. **O cotidiano de uma equipe de saúde**: relato de caso. s.n.t.

MUNIZ, Sodré. **A máquina de Narciso**. Televisão. indivíduo e poder no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cartaz, 1990.

NASCIMENTO, Estelina Souto do. **O cotidiano em saúde-doença de criança escolares**. São Paulo: USP, 1993. Tese de mestrado.

NELSON, Mello e Souza. **Modernidade-Desacertos de um consenso**. Campinas: Unicampi, 1994.

NETTO, J. P. e CARVALHO, M.C. BRANDT. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 3. ed. Edit. Cortez, 1984.

NIETZSCHE, F.W. **A Filosofia na idade trágica dos gregos**. Rio de Janeiro: Elfos Editora, 1995. 109 p.

_____. **A genealogia da moral**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1991.

_____. **Além do bem e do mal**. s.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.^a

_____. **A origem da tragédia**. s.ed. São Paulo: Moraes, s. d.^b

_____. **Ecce Homo: como cheguei a ser o que sou**. s.ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.^c

_____. *O Anti-Cristo*. s. ed. São Paulo: Moraes, 1984. 84p.

_____. *O Viandante e a sua sombra*. s.ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.^d

RAMOS, Flávia R. *Ética e trabalho: a transgressão do belo*. UFSC, s.d.

REZENDE, Ana Lúcia Magela. A Harmonia da desordem: sofrimento e transgressão no trabalho de saúde. *Rev. de Enf.* Rio de Janeiro: UERJ, Ed. Cultura Médica, (n.1); v.3, p.85-92, Maio/1995.

_____. A modernidade prometética. In: _____. *A sedução dos mitos da saúde/ doença na telenovela*. São Paulo: USP, 1991: p. 15-45. (Tese de doutorado).

_____. A imagem da enfermagem numa perspectiva formista. *Rev. Enf.* Belo Horizonte: (n.1): p.25-36, abr/1993.

_____. O mito da ciência no tempo cíclico do mito. In: _____. *A sedução dos mitos da saúde/ doença na telenovela*. São Paulo: USP, 1991: p. 68-92. (Tese de doutorado).

_____. Pós-modernidade: o vitalismo do "chaos". *Plural*. (3); 4, p. 5-12, jan/jul/1993.

RIOS, Terezinha Azeredo. *Ética e competência*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994. 86p.

- SANTOS, Francisco de Araujo. *A Emergência da Modernidade*-Atitudes, Tipos e Modelos. Petrópolis, R.j.: Editora Vozes Ltda, 1990.
- SANTOS, Jair F. *O que é o pós moderno*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Os (des) caminhos da Escola*. Traumatismos Educacionais. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- SILVA, Juremir Machado da. *O pensamento do fim do século*. Porto Alegre: L&PM, 1993. 230 p.
- _____. *A miséria do cotidiano*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1991.
- SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes Ed. Ltda, 1993. 215 p.
- TEIXEIRA, M.C.S. *Antropologia, cotidiano e educação*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- TÜRCKE, Cristoph (coord.). *Nietzsche: uma provocação*. Porto Alegre: UFRGS: Goethe Institut/ICBA, 1994.
- WEBER, Max. *Ensaio sobre a teoria das ciências sociais*. 1. ed. São Paulo: Moraes, 1991. 132 p.